

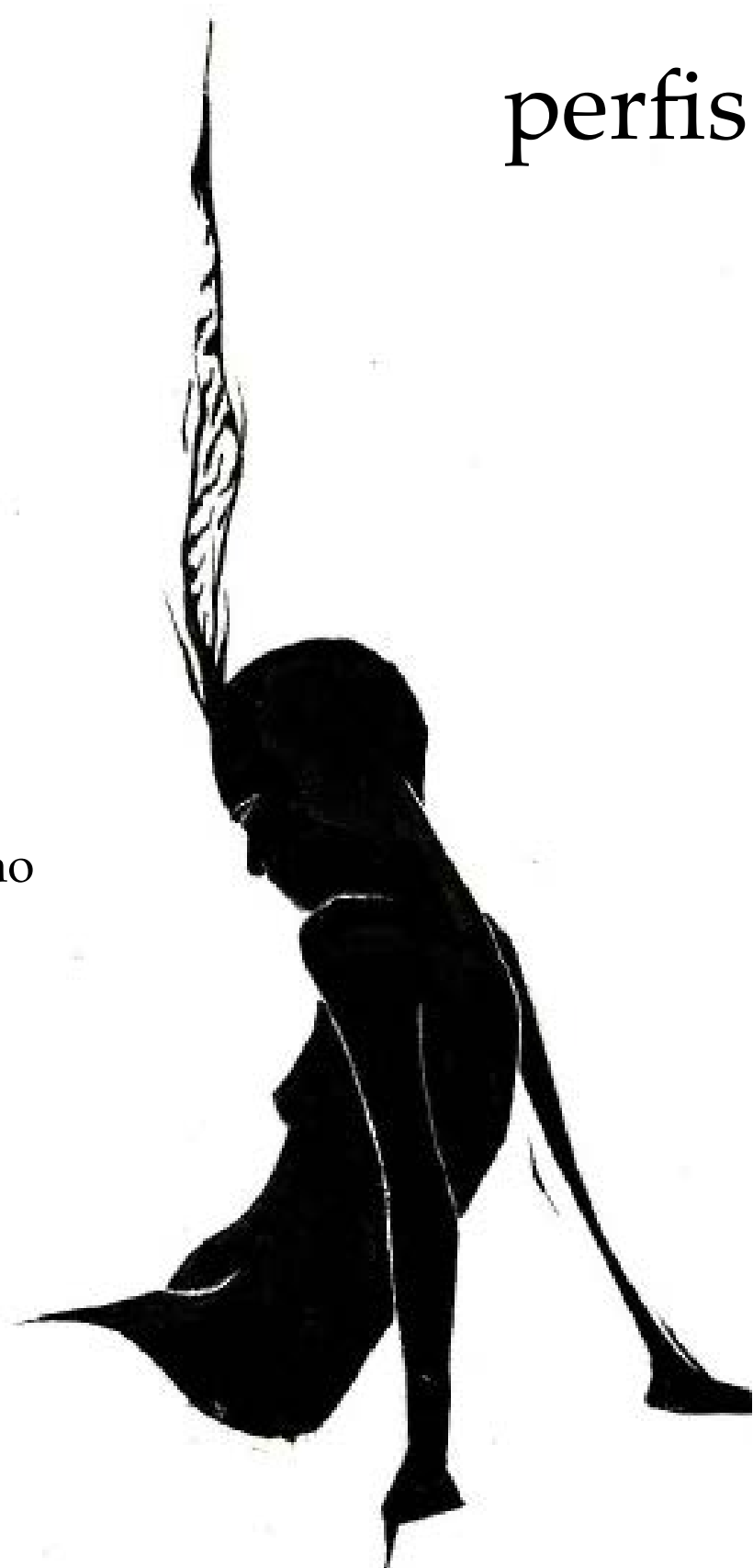
CAMARADAS

novembro - 2014

MA
DAS

perfis

augusto zorello
galina sheetikoff
livia alves
tatiana piccard
leiloca pantoja
luis mauro sá martino
bruno novelli
augusto de campos
dona teresa
michel louzada
kid vinyl
daniel fuzato





PALESTRAS - CURSOS - EVENTOS - VISITAS MONITORADAS - WORKSHOPS - RECEPÇÕES
CONTABILIDADOS - AÇÕES PROMOCIONÁRIAS - RESERVAS DE SALA - AÇÕES DE RELACIONAMENTO - REUNIÕES - CRIAÇÃO
PLANEJAMENTO - ORÇAMENTOS - INTEGRAÇÃO DE FUNCIONÁRIOS - COFFERATERIZAÇÕES - TREINAMENTOS - OPEN HOUSE
EDITORADE VISUAL - PALESTRAS - CURSOS - EVENTOS - VISITAS MONITORADAS - WORKSHOPS - RECEPÇÕES - COFFERATERIZADOS - AÇÕES PROMOCIONÁRIAS
RECEPÇÃO DE SALA - AÇÕES DE RELACIONAMENTO - REUNIÕES - CRIAÇÃO - PLANEJAMENTO - ORÇAMENTOS - INTEGRAÇÃO DE FUNCIONÁRIOS - COFFERATERIZAÇÕES - TREINAMENTOS - OPEN HOUSE - EDITORADE VISUAL

Presente na sua relação com a Cásper quando você menos imagina.

FCL
FUNDAÇÃO CÁSPER LIBERO

**Centro
do Eventos**
Cásper Libero



Sumário

- 4. VIDA DE DJ
- 10. A CASA DO POETA
- 16. A FORTE ARREBENTAÇÃO NA VIDA DE UM MAR TRANQUILO
- 22. LADO A, LADO
- 30. ECOBOY
- 34. UM EMPRESÁRIO NOS ARES
- 40. AQUELE QUE PODERIA ESTAR NO CENTENÁRIO
- 46. DE DIVERGENTES, APENAS AS LENTES
- 56. DE ALMA PINTADA
- 62. A ARTE DE (RE)CONTAR A PRÓPRIA HISTÓRIA
- 66. A ALMA NÔMADE DE UMA JOVEM
- 72. NOS TEMPOS DA MEIA SOQUETE

Expediente:

Diagramação
André Dominguez
Arisa Baeza
Júlia Muller
Mathias Duncan
Tami Rodrigues
2º Ano de Jornalismo C
Faculdade Cásper Líbero

Orientadora:
Profª Helena Jacob
Novembro 2014

Editorial

Vidas que se contam

Wellington Andrade

Os seres humanos gostam de contar e de ouvir as mais variadas histórias desde sempre. E desde sempre também eles nutrem especial predileção pelas histórias de vida – sejam elas edificantes, assustadoras, exemplares ou banais. Interessar-se por narrativas que tratem do mundo dos outros reforça a base da subjetividade humana, levando-nos a concordar com os antigos sábios gregos que defendiam a ideia de que, ao olhar para o destino do outro, o homem é capaz de ver e reconhecer seu próprio destino.

Dentro do grande espectro das produções textuais jornalísticas, as biografias e os perfis certamente constituem, respectivamente, dois dos gêneros mais fascinantes. Acompanhar especialmente a trajetória, o itinerário, o percurso, enfim, de uma vida atrai os olhos do leitor em direção à voragem de uma série de acontecimentos dispostos em ordem “narratológica”, que podem ser mais ou menos

espetaculares, mas nunca despidos das marcas da curiosidade e da atenção.

Em algum momento de sua carreira, o jornalista haverá de se deparar com um perfil para ser feito – talvez de um astro pop, de um famoso esportista, de um político polêmico ou mesmo de um sujeito, como estes, muito especial, embora abandonado a seu próprio anonimato. Essa será, então, a perfeita ocasião para que tal jornalista possa fazer um bom uso de suas inestimáveis ferramentas profissionais: a capacidade de observação, a inteligência emocional, a concentração da atenção, a disponibilidade interpessoal...

De posse de tais faculdades, o profissional do jornalismo entrará delicada, mas firmemente na esfera da vida de um indivíduo “desconhecido”, “estranho”, “estrangeiro”, que, por sua vez, deverá estar aberto àquele encontro – intenso, real, humano. Como sói acontecer às profissões que fazem do interesse pelo Outro sua razão de ser.

Deste dia em diante, os convites para tocar em eventos privados e baladas da capital não pararam. Edwin chama de 'shuum' - gesticulando com as mãos - na sua carreira, pois foi aí que ele percebeu que ser DJ o realizava profissionalmente e que era isso que ele queria fazer, só precisava de um nome para sua personagem: "Eu precisava de um nome para tocar montado naquela festa, aí lembrei da Leiloca, uma personagem feminina que eu criei na época da faculdade e que tinha um nome muito legal, de socialite chique". O nome 'Leiloca Pantoja' nasceu da junção de duas estrelas da música das décadas de 1970 e 1980: 'Leiloca' é o nome de uma das integrantes do ex-grupo 'Frenéticas' e 'Pantoja' é o sobrenome de uma das integrantes do ex-grupo 'Sempre Livre'.

Hoje Leiloca Pantoja é mais famosa que o DJ Edwin Paladino, conta com um perfil próprio no Facebook e descrição nos sites das casas noturnas onde toca. Edwin comenta que as pessoas que o conhecem como Leiloca acham que ele é afeminado ou que se veste assim no dia a dia. Mas a família sabe bem diferenciar: "Durante o dia ele é o Du, e a noite, quando ele se monta todo a gente fala 'Lá vem a Leiloca...'", conta sua tia Marcia. Edwin não deixa de frisar: "A Leiloca é apenas um trabalho artístico que eu faço para divertir as pessoas, não mudo, não fico louca nem tenho outra personalidade por causa disso. Eu sou DJ. Vou lá, toco, tenho uma certa postura, mas nada que mude minha personalidade. É um trabalho de DJ transformista".

Muito bem humorado em seu trabalho, Marly confirma: "Ele tem um bom astral, vive com música alta e dançando".

"A Leiloca é apenas um trabalho artístico que eu faço para divertir as pessoas.[...] Sou DJ. Vou lá, toco, tenho uma certa postura, mas nada que mude minha personalidade. É um trabalho de DJ transformista"



(Reprodução/Internet)

Mas dando risada, ela confessa: "O humor dele varia um pouco, viu? Ele é muito ansioso". Para lidar com isso, Edwin frequenta a academia diariamente e faz acupuntura: "Ele quer as coisas para amanhã ou pra hoje mesmo, na mesma hora. A gente sempre fala: 'Du, não é assim, calma vai dar certo'".

Quem o vê na balada, não imagina que ele também é religioso, tem suas crenças e rituais. Toda semana vai à Igreja Santa Rita, no Pari e "toda vez que vai sair de casa e toda vez que chega, ele beija um terço que tem no carro, agra-

dece a Deus por mais um dia. Até achamos engraçado o tanto que ele se benze", ri dona Marly.

Além de Edwin, Marly tem outros dois filhos e afirma que tem pelos três o mesmo amor, mas que ele é a filha que ela não teve. Isso porque ele dá palpites nas suas roupas frequentemente lhe empresta roupas e acessórios. Agora, quando ele fala "mãe, vamos comigo no shopping escolher umas roupas", geralmente as compras são para o Edwin. Já Leiloca compra seus acessórios em lugares variados e não se importa em

fazer uma mistura 'high-low', desde que o item lhe chame a atenção.

"Tenho alguns terninhos mais arrumados e afeminados de estilistas e também alguns feitos sob medida pelo meu alfaiate e amigo, Marcio Cassares. Mas também tenho camisetões de rock comprados na Galeria do Rock que eu uso como vestido e até mesmo um macacão jeans, da década de 1970 que pertencia a minha tia e é uma raridade".

Para tocar em uma casa noturna e público hétero, numa sexta-feira, o look escolhido por Leiloca foi uma legging preta, um moletom preto com detalhes coloridos de uma marca esportiva famosa. Tudo isso combinando com um par de tênis esportivos e um boné, ambos pretos. Pra finalizar a produção, muitos anéis e par de brincos argola 'bafônicos' e enormes de argola, todos trabalhados no dourado. Já a maquiagem estava simples, para combinar com o resto do visual, "apenas gloss, rímel e um pouco de iluminador".

Quando toca de Leiloca Edwin prefere sair de casa pronto. "Algumas vezes eu faço os toques finais, como colocar a peruca, na boate, mas eu prefiro já sair de casa totalmente pronto. Eu me resolvo mais assim". Para 'se montar' ele demora entre 15 minutos e uma hora, isso vai depender do tipo de figurino e arrumação que a ocasião exige. Em noites mais simples, como esta, ele levou tempo mínimo. Porém, quando a festa exige, Leiloca não economiza na produção: faz uma maquiagem elaborada, coloca salto alto, peruca e capricha na roupa.

Embora não tenha dificuldades para comprar roupas, Edwin conta que os sapatos de Leiloca são um problema. Todos os itens da sua coleção foram comprados nos Estados Unidos, pois aqui no Brasil ele não encontra sapatos de salto bonitos no seu tamanho.

Suas perucas são outro item em seu guarda roupa, porém seu uso depende, novamente, da roupa e da ocasião. "Dependendo do que a roupa e a ocasião pedem, também coloco a peruca. A loira é a que eu mais gosto, mas independentemente da cor, eu procuro sempre o mesmo corte - liso, comprido, repicado e com uma franja - que deixa mais sexy e dá um movimento".



(Reprodução/Internet)

Para "montar" a Leiloca, Edwin mistura referências familiares, com tias e primas, e personagens famosas, como Rita Lee, sua principal musa inspiradora. "A Rita Lee me influenciou principalmente na música, no visual e no comportamento - presença de palco; mas também gosto da Deborah Harry, cantora de uma

banda dos anos de 1970 e 1980 chamada 'Blondie', dos 'Ramones', um grupo de rock, da cantora americana Donna Summer e da atriz Sonia Braga".

O estilo de musica dos ambos é o mesmo, até porque, são a mesma pessoa. A base do 'set list' sempre é o estilo discoteca antigo ('Disco' e 'House'), mas, dependendo do público, outros ritmos são incluídos, como pop e até musica brasileira. Edwin confessa que não faz distinção ao tocar montado ou como ele mesmo, mas pondera que muitas pessoas já o abordaram, como Leiloca, dizendo: "Ai Leiloca eu gosto do seu som, gostei do seu jeito de tocar." E que, embora ela não perceba, se o público fala, é porque ela deve ter um jeitinho de tocar que as pessoas gostam.

Pode-se dizer Edwin é uma pessoa de hábitos noturnos. Mesmo nos dias em que não toca, o DJ vai dormir altas horas da madrugada. "Eu fico na internet pesquisando música, produtores novos, fazendo 'set list' e vendo roupa para a Leiloca". Com essa rotina, seu dia começa no mínimo às 14h e, em seu tempo livre, ele gosta de ir ao Horto Florestal, passeia pelo centro de São Paulo ou ir em bares e festas com seus amigos. Também dedica uma pequena parte do seu tempo a 'freelas' que pega como jornalista, profissão que não abandonou completamente, mas que ficou para segundo plano em sua vida.

Para Edwin, "Vida de DJ é festa. Festa, alegria e diversão; tudo isso junto com música boa".





olho por olho (1964)

A CASA DO POETA

Uma visita a Augusto de Campos, o fundador da poesia concreta

texto por Ana Clara Muner e Lorena Giron

foto por Lorena Giron



Não só ele, mas também o seu apartamento nas Perdizes, zona Oeste de São Paulo, guarda um aspecto solene. Embora Augusto Luís Browne de Campos, de 83 anos, tenha em sua casa diversos móveis modernos, pode-se achar ainda em seus quadros, tanto dele quanto de outros artistas, e em seus mais diversos livros, rastros de um tempo antigo. Com uma memória impecável e uma lucidez ainda perfeita, como se tivesse 17 anos, quando começou a escrever poesia, Augusto de Campos ainda luta para acompanhar as mudanças que ocorreram, tanto no âmbito tecnológico, quanto no âmbito cultural dos dias de hoje. “Eu sou o sobrevivente de minha geração”, diz. “E continuo a trabalhar.”

Além de poeta, um dos mais importantes da língua portuguesa, Augusto é crítico de música. Quando conversa sobre compositores e suas obras, não esconde a frustração com a indústria da música atual. Diz que não consegue compreender a simplicidade com que ela se tornou hoje em dia. Amigo e inspirador de Caetano Veloso e de seus conterrâneos tropicalistas, Augusto de Campos guarda ainda belas histórias sobre

época do Tropicalismo, junto com souvenirs que ficam espalhados por sua casa. “Eu me lembro quando conheci Caetano em meados dos anos 60”, conta. “Ele me pareceu um jovem de grande futuro. Eu lhe dei de presente a edição dos manifestos da poesia concreta, que ele não conhecia.” Insinua que Caetano e Gil certamente se inspiraram nos manifestos concretistas para compor seus próprios manifestos tropicalistas, a começar pela canção “Tropicália”, que lançou o movimento, em 1969.

Augusto tem fama de difícil. Mas conseguimos entrar em contato com ele, por e-mail. Fez questão de nos conceder uma entrevista. Hospitaleiro e simples, recebeu com gentileza as duas repórteres iniciantes. A conversa transcorreu sem pressa. Ele deixou fluir todo o seu conhecimento com humildade. De 5 em 5 minutos oferecia algo para bebermos, passando assim uma preocupação com nosso bem estar e sua hospitalidade calorosa. A conversa iniciou-se com suas paixões, entre elas a literatura, a música, tendo como mote o lançamento de seu próximo livro, cujo nome não quis revelar por superstição: “Não digo o nome porque se não a obra poderá não ser lançada”.

Ele representa a criação da poesia concreta no Brasil, no início dos anos 50, juntamente com seu irmão, Haroldo de Campos, e com o amigo Décio Pignatari. O trio sofreu forte influência de Oswald de Andrade, a que Augusto chama de Osvaldo, por dizer que esse nome é mais brasileiro. Reproduziram em suas obras o ideal antropofágico que significa “devorar o inimigo, como os índios e absorver a virtude dos devorados”. Em outras palavras, devorar a cultura estrangeira e assimilar o que ela tem de boa.

Augusto não gosta que o tratem de “senhor”. Informalmente e com clareza, fala sobre a poesia concreta que completa 60 anos em 2015 – em 1955, foi lançado o segundo número da revista Noigandres, que apresentava poemas concretos pela primeira vez. Nessa modalidade de poesia, as ideias são reforçadas por uma forma específica ou pela disposição das palavras no papel. É o que os concretos chamavam de “poesia verbo-voco-visual”, na qual o código verbal, sua expressão vocal e sua visualidade se conjugavam para criar algo próximo a uma obra de artes plásticas.

Entre poemas, lembranças e críticas, conversar com Augusto de Campos é ver como uma pessoa culta e inteligente se mantém atualizada e vinculada a seu tempo. Ele se desdobra para se adaptar ao mundo tecnológico. Para isso, usa ferramentas de computador para continuar à sua produção poética.

Além de continuar escrevendo poemas, ainda um crítico de arte só que atualmente prefere usar a internet, pois crê que os jornais estão em decadência e lamenta pela dificuldade que possui para publicar um livro. Ele conta que tem dois livros prontos esperando para serem publicados, mas a editora demora para o fazer, pois não tem mais tanto interesse comercial como antigamente. Esse desinteresse das editoras o faz se sentir “desgostoso”, como diz.

Seu amor à música pode ser visto em seu apartamento, com sua enorme coleção



EU SOU O SOBREVIVENTE DA MINHA GERAÇÃO



de CDs. Afirma estar decepcionado com os lançamentos contemporâneos, já que gosta mais dos clássicos como jazz e Gilberto Gil. Ele adora fazer comentários sobre a poesia. Conta sua história com Paulo Leminski e cita-o como um grande amigo e poeta com quem teve contato a partir de um encontro em Belo Horizonte. “Sofri muito com a morte dele”, afirma. “Era um amigo e um discípulo.”

Augusto espera que as repórteres digam que vão embora. Ele nos conduz com gentileza até o elevador e nos abraça afetuosamente. “Voltem sempre!”, saúda.

Ao sair de sua casa, pensamos em quantos detalhes compõem a sua casa e que ficariam na memória: estatuetas, quadros, livros, lembranças. Uma vida dedicada à cultura e a sensação de termos tido o privilégio de conversar com um gênio da cultura brasileira.



Por: Gabriel Monteiro



Foto: Mathias Brotero

A forte arrebentação na vida de um mar tranquilo

Texto: Mathias Brotero e José Besana

“Galina está sempre ocupada”, conta o marido George. A Vivacidade nos olhos da senhora e o movimento usado para contar a história de sua vida escondem os anos que fizeram a artista plástica passar pelo período de maior repressão política na Rússia e pela Segunda Guerra Mundial. Se hoje Galina é mãe de três filhos formados, avó de netos estudantes e uma artística plástica renomada e bem-sucedida, outrora enfrentou momentos difíceis dentro da carroça que seu pai usou para transportar sua família da Rússia para a Alemanha.

Galina parece tratar o período da Segunda Grande Guerra com certa indiferença. Até falar de seu pai. Vadim Elman é com certeza a influência mais

importante na vida de Galina. A artista não explicita, mas quando fala de seu pai, seu olhos representam que homem brilhante ele deve ter sido. “Uma noite, quando estávamos fugindo da Rússia pela floresta, o eixo da carroça quebrou”, conta Galina. “Ficamos parados e completamente sozinhos, à luz das estrelas. Meu pai saiu da carroça e voltou com um pedaço de madeira. No dia seguinte tínhamos um eixo novo e estávamos mais uma vez na estrada”. São histórias como essa que explicam muito da inspiração que Galina tem quando pinta. George Sheetikoff, marido de Galina, explica que seu talento com arte é uma herança da vocação artesanal que tinha seu pai. “Gosto muito de pintar figuras humanas na natureza, em florestas e ao redor de fogueiras, pois a nossa jornada a bordo da



Divulgação

As histórias por qual Galina passou em sua infância são uma grande inspiração para suas pinturas. A gravatura acima se chama “Festa Gaucha”.

carroça de meu pai era assim”, narra Galina.

Ainda a respeito da longa marcha que fez quando viajou da Rússia à Alemanha a cavalo, Galina explica que houve uma época em que até para os Russos, a Rússia estava muito perigosa, período conhecido como O Grande Expurgo. Tanta era a gravidade da violência no país vermelho, que seu pai resolveu transportar sua família para a Alemanha, na época outro centro de guerra. Empregado pelos alemães na Rússia como agrimensor, o pai de Galina tinha uma carroça e um cavalo para se transportar. Quando os alemães recuaram do leste europeu, Vadim percebeu que a Rússia estava ficando perigosa demais para sua família e decidiu fugir. “Ele deve ter pensado ‘bom, cavalinho já temos, carroça também, acho que temos tudo para ir embora”, lembra Galina ao contar sua trajetória pela Europa.

Com tapetes, almofadas e uma cobertura feita com as próprias mãos para garantir a segurança de sua esposa e dos filhos, o pai de Galina colocou

sua família e acompanhado da sua fiel Marta, égua que puxava a carroça, a família partiu de Kiev e iniciou a longa caravana “que não dava para ver nem o começo nem o fim. Sinto o cheiro da terra enquanto conto essas histórias”, lembra Galina. A artista explica todo o caminho até chegarem à Alemanha, onde seu pai encontrou um homem, provavelmente brasileiro, apelidado de “Ubatuba”, que ofereceu trabalho para ele em alguns países, dentre esses estava o Brasil. Embarcaram então no navio General Stewart e após dois meses navegando chegaram à costa brasileira.

“Nem chegamos ao Brasil e já ficamos de quarentena na Ilha das Flores. De longe eu via muitos túmulos na costa e ficava impressionada. Foi só depois da quarentena quando percebi que aqueles ‘túmulos’ que via eram na verdade prédios”, conta Galina em tom de risada. O espírito leve da artista transforma até os sentimentos mórbidos em histórias interessantes. Já no Brasil a família foi até São Paulo, onde seu pai tinha

conseguido um emprego. Pouco depois começou sua trajetória com George, “minha alma gêmea”, como descreve Galina.

George é o tipo do anfitrião que todos os convidados gostam. Enquanto Galina apresentava o seu acervo para duas possíveis compradoras, George nos ofereceu suco de laranja natural e iniciou sua história de vida, tão digna de um perfil quanto a de Galina. “Meus pais saíram da Rússia durante a revolução e foram para a China, minha vida começa em Xangai”, foi assim que se iniciou a nossa conversa com a família Sheetikoff. Porém, o casal só iria se conhecer no Brasil e seus destinos se cruzariam, anos depois daquela primeira vez em que se viram na Igreja de Tamandaré. “Fui para o Canadá e só depois que voltei para estabelecer uma vida no Brasil, que conheci Galina direito”.

Com um tom de voz cômico e debochando do marido, a esposa comenta que ele deveria ter conversado com ela antes, “Você já tinha quase 30 anos quando voltou do Canadá! Por que você não foi conversar comigo antes?”, pergunta Galina a George, “Ele pensou que eu tinha treze anos!”, nos explicou a artista. Assim se formou um casal cujos laços são tão fortes que fazem deles uma “superpessoa”. Sua assinatura não é mais individual, nos e-mails eles assinam carinhosamente George e Galina Sheetikoff.

Não só a identificação com o futuro marido foi imediata, foi também assim com o Brasil. Galina é apaixonada pela cultura popular brasileira. Em seus quadros são exaltados aspectos como baianas em suas tradicionais vestimentas, paisagens litorâneas e plantas tropicais. Quem vê suas obras não desconfia que a artista não é natural do Brasil. Sua obra, porém, tem outra faceta. São comuns quadros que retratam estradas, florestas, carroças e animais típicos da região europeia, lobos cinzentos e veados. Podemos ler o conjunto da obra de Galina dessa maneira: sempre influenciada pelo espaço que a circunda e pelas lembranças de sua infância em lugares selvagens e tenebrosos.

E, de fato, a educação artística de Galina começou em terras brasileiras. Na escola demorou a se integrar, devido ao abismo idiomático entre ela e seus professores e colegas. “Para matar tempo, ficava desenhando os meus professores”, conta Galina, “Foi ai que

“Sinto o cheiro da terra enquanto conto essas histórias”

descobri que gostava de desenhar”. Quando Vadim percebeu o talento que tinha sua filha, matriculou a em um curso de pintura, paixão que só cresceu desde então.

Pouco mais tarde, a família cresceu e as duas filhas vieram para aumentar os Sheetikoff. Galina fala de seus descendentes com muito orgulho e sempre enfatiza na importância de trabalhar duro para ganhar a vida, uma máxima que poderia ser usada até para descrever sua história desde a Rússia até o Brasil. “Meu neto que está aqui visitando acabou de passar na USP, é bolsista por jogar futebol nos Estados Unidos e ganha um dinheirinho atuando como modelo”, conta Galina. Hoje, mesmo com as filhas longe, Galina diz manter forte contato, insinuando que a família está em primeiro lugar.

O casal se mudou para a casa onde moram até hoje, construída por Vadim. Esse parece ser figura importante não só na vida de Galina, mas na de George, que conta com admiração como o sogro construiu o primeiro portão elétrico do bairro de Moema, movido por um engenhoso sistema hídrico. “A casa ficou conhecida como aquela do portão elétrico”, comentou George. Cercada de prédios, a casa de Galina é a única cheia de árvores e pássaros que parece até um refúgio



Divulgação

“Estão *sempre* tentando comprar nossa casa para construir um prédio. Mas por que venderíamos esse lugar que nos deixa tão feliz?”

da movimentada Avenida Cotovia, logradouro de sua faixa. “Estão sempre tentando comprar nossa casa para construir um prédio”, explica George, “Mas por que venderíamos esse lugar que nos deixa tão feliz?”

Hoje, além das pinturas, Galina realiza aulas de aquarela, técnica na qual se tornou especialista e relaxa na cultura de sua horta, que garante alimentos fresquinhos e sem conservantes para a família. George é responsável por cuidar do site que divulga o trabalho da esposa e atualmente dá aulas de inglês. Galina é um exemplo de alguém cuja vida é uma lição de humildade para aqueles que duvidam do poder da generosidade. Se antigamente a comida na carroça de Vadim era racionada, hoje sua fartura é suficiente para que os pássaros que invadem o silêncio do seu jardim dependam de uma refeição diária da Russa. Seria preciso ir muito longe para descrever Galina em somente um termo ou expressão, pois sua personalidade é muito maior e complexa do que isso. Mas o significado de seu nome já é um bom começo.

Galina: mar tranquilo.

ACOMPANHE
A CÁSPER LIBERO
nas *redes sociais*

FACEBOOK

YOUTUBE

TWITTER

 /FaculdadeCasperLibero

 @CasperLibero

 /CasperLibero

FACULDADE CÁSPER LIBERO FORMANDO MELHORES PROFISSIONAIS E COMUNICAÇÃO

por Ingrid Yuri e Juliana Mezzaroba

Lado A, Lado B

A história de quem fez da música não só um hobby, mas um modo de viver

Fotos por Ingrid Yuri

Em uma manhã de quarta-feira, fomos recebidas em um pequeno apartamento do Cambuci por nosso entrevistado com pedidos de desculpas por ter atrasado em uma hora o encontro. O motivo, no entanto, não poderia ser mais carinhoso: Kosmo, seu dócil golden retriever, passou por uma cirurgia alguns dias antes e amanheceu muxoxo. Seu dono quis, então, leva-lo ao parque Ibirapuera para animá-lo.

O zeloso cuidador de Kosmo é Antônio Carlos Senefonte, o Kid Vinil. Músico, radialista e DJ, já foi apresentador de TV, jornalista e empresário de gravadora. É especialista em música alternativa, principalmente quando o assunto é rock 'n roll.

Por prazer e pela sede de conhecer músicas e bandas novas, tem uma coleção de vinis que ocupa um quarto todo e mais duas paredes inteiras de sua sala, que, aliás, é repleta de referências à música: grandes aparelhos de som, um gramofone, bonecos de músicos feitos de *biscuit*, torres de CDs espalhadas e três qua-

drós do Beatles. Entretanto, um vaso com dois copos-de-leite de plástico e um chapéu-coco destoam do universo musical.

Sentado em uma poltrona de couro preto, de costas para uma pequena varanda e uma exuberante paisagem verde, livre de prédios, ele contou que sua paixão pela música surgiu logo na infância: “minha tia gostava de Elvis, os meus primos gostavam de Beatles, minhas primas eram fãs da jovem guardam, mas o principal foi meu irmão mais velho”, que levou o jovem Antônio ao cinema para assistir *A Hard Day's Night* do quarteto de Liverpool. Desde então, seu diagnóstico dificilmente poderia ter sido outro, que não um beatlemaníaco.

Sua coleção de discos de vinil começou com a trilha do filme *O Submarino Amarelo*, e foi crescendo na sua adolescência durante os anos 70. Apesar de passar horas e horas escutando música na sala da casa de seus pais, na zona leste de São Paulo, ele não deixava de lado seu compromisso com a escola. “Fui um aluno re-



gular, nunca o melhor, mas conseguia conciliar bem ouvir música e estudar”.

Com a voz tranquila e grave, ele continuou contando sobre os primeiros anos de sua vida e carreira. Quando chegou o momento decisivo de escolher o que fazer após o colegial, ele não teve dúvida: queria trabalhar com música. Assim, foi procurar emprego em uma grande gravadora da época, a Continental Records. Lá, trabalhou no departamento administrativo e logo se destacou pelo seu conhecimento e interesse sobre música. Alguns anos depois, era executivo da gravadora.

Foi então que, de garoto influenciado pelo gosto musical da família, Antônio tornou-se Kid Vinil, nome artístico criado a partir de dois de seus ídolos: Kid Jensen, DJ da rádio BBC, e Cosmo Vinyl, DJ e *manager* da banda The Clash. Depressa, sua carreira progrediu, sempre voltada ao público amante do rock. Ele fez programas de rádio na Excelsior AM, Antena 1, 89FM, 97FM, Brasil 2000FM e em emissoras como a TV Cultura, Band e MTV Brasil.

Também escreveu para os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. “Quando eu estava na gravadora, vinha alguém e me oferecia um teste em rádio, aí, me indicavam pra escrever para um

jornal ou uma revista, então as coisas foram acontecendo meio que naturalmente”.

Mesmo contra a luz que vinha da varanda, dava para notar bem os fios tingidos de laranja de seu cavanhaque que misturavam-se com alguns outros fios brancos e grossos. A cabeça raspada, destacava suas orelhas de onde pendia um brinco de argola. O óculos, com armação preta e discreta, permitia transparecer a timidez de quem conversa olhando para o chão. O riso espontâneo, que brotava com frequência entre seus relatos, nos dava a segurança de que a falta de contato visual nunca foi um problema de desdém.

Acariciando Kosmo, que estava adormecera a seu pé, Kid Vinil lembrou sua primeira ida à Inglaterra: “Em 77, 78, quando teve a explosão do *punk*, eu ficava sonhando em ver um show dos Ramones, dos Sex Pistols, do Clash. E, num dado momento, meu irmão mais velho me ajudou a comprar uma passagem e eu fui pra Londres. Foi uma viagem que abriu minha cabeça, foi o começo de outra era pra mim, vi coisas que me acompanham até hoje”. Ele contou que ficou impressionado com o cenário musical de lá, muito diferente do Brasil. Conseguiu ir ao show do Clash, que definiu como “o show da minha vida”,

porque, apesar de ter ido a vários outros, nenhum superou aquele. “Chorei o show inteiro”.

Falar em Kid Vinil, é falar também de seu jeito vibrante de se vestir, que mistura o estilo de Elton John ao visual *punk*. Ele tem um terno de toureiro, bonés excêntricos, jaquetas floridas e muitas peças de cor amarela, verde e laranja. Porém, em sua casa, nos recebeu de tênis preto, *jeans* e camiseta da banda Buffalo Killers, e justifica: “no dia a dia sou mais essa coisa do *street wear*, não saio produzido. Quando vou estar da TV ou em show penso dias antes o que vou usar”.

Ele adora tanto o mundo *fashion* que diz que se não trabalhasse com música, seria com moda. Já chegou até a pensar em pedir emprego para a estilista Viviane Westwood, criadora do estilo visual do *punk rock*, “isso foi uma coisa que também vi naquela viagem a Londres. Quando fui visitar a *boutique* da Viviane Westwood, percebi a estética *punk* não era por acaso, tinha uma razão de ser”.

Kid Vinil é o primeiro nome que muitos associam com música alternativa, mas para outros também é o vocal do Magazine, banda de *pop new wave* dos anos 80 que fez sucesso com “Sou Boy” e

“Tic Tic Nervoso”. Kid explica que essa transição foi um momento de impasse na sua carreira: “Eu sempre quis ser famoso, queira ter exposição na TV, na grande mídia e acabei com o Verminose, minha primeira banda de *punk* e formei o Magazine, que era propositalmente pop e industrializado para tocar em todas as rádios, mesmo”. Contudo, isso não significou uma mudança no seu gosto musical. “Continuei ouvindo música alternativa, mas musicalmente eu não quis ser alternativo, eu disse pra mim ‘não quero morrer alternativo, eu quero ser famoso’”.

Há quem diga que é fã do Kid Vinil e o admira por tocar aquilo que ia na contramão das rádios brasileiras da época. André Góes, locutor da rádio Eldorado FM e vocalista da banda Vudu, já trabalhou com Kid em duas emissoras e sempre foi influenciado pelo seu trabalho: “quando eu era adolescente, ouvia o Kid no Rock Sanduíche da Excelsior FM. Conheci o Dead Kennedy’s e Iron Maiden nesse programa, dois grupos que foram uma grande influência para mim e para minha banda [...] e, mais tarde, em 1994 tive sorte de conviver com o Kid na 97 FM, ele ouvia muitas bandas antes de estourarem, como o Oasis,



que ele foi uma das primeiras pessoas no Brasil a receber o *single* e, assim que ele recebeu, tocou na rádio”.

E André não foi o único a sentir-se sortudo por ter trabalhado ao lado do músico. Paula Baldassari, da EldoradoFM, também dividiu sua experiência: “eu sempre falo que naquela época eu era feliz e sabia disso. Me lembro de que ele chegava e dava uma aula de música pra gente todos os dias com os discos que ele trazia. [...] Fiz um programa com ele, o Happy Hour, e todos os dias, sem falta a gente comia pão de queijo,

batata Ruffles, tomava Coca-Cola e ele entrava no ar com a boca cheia”.

Kosmo, que não deixou a sala em nenhum momento da entrevista, foi o primeiro animal de estimação de Kid. Osmar Santos Junior, amigo e coordenador da rádio Brasil 2000 em que trabalhou com Kid, lembra-se do dia em que ele ganhou o cão da dona da rádio: “ele entrou na nossa sala e disse desesperado ‘Osmar, e agora? Ganhei um cachorro da Carmem, o que que eu vou fazer?’ e, hoje, dez anos depois, eles são inseparáveis, foram até no Jô [Soares] juntos”.

E o amigo cor de chocolate nunca deu muitos problemas para o dono: “eu dei a maior sorte com ele, se adaptou rápido ao apartamento e nunca destruiu nenhum disco meu, esse cachorro é um doce, acho que eu tive uma benção”, disse Kid sorrindo e olhando para o cão, que já apresenta sinais de estar envelhecendo: os olhos caídos e vermelhos e os pelos do focinho esbranquiçados.

Kid Vinil não se casou e não cultiva *hobbies*, afirmando que “é só música 24 horas”, mas diz gostar muito de cinema, tanto que fez apresentação do livro *Popcorn*, mas como não poderia fugir à regra, a obra é um almanaque sobre filmes de rock. O músico também gosta de ir às compras na feirinha da Liberdade e diz sempre aproveitar para petiscar algumas comidas japonesas por lá.

Mesmo sendo tranquilo, bem humorado e trabalhando desde sempre com o que ama, os momentos difíceis aparecem. E, quando eles surgem, Kid diz que recorre para o lado espiritual adquirido da mãe, que era católica. “Ela era uma pessoa dedicada à religião. Através da fé dela, muitas coisas deram certo, sem entrar na questão de milagre, mas ela tinha uma força interior muito grande, sempre gostei disso”.

Apesar de viver no mundo de “sexo, drogas e rock ’n roll”, ele diz, sem hesitar, que já usou drogas, sim, mas que nunca gostou. “Sempre tive muito medo de usar esse controle da realidade, não aceito que nada controle a minha mente”.

Aos 59 anos, Kid tem muito mais disposição do que os jovens que dançam ao som de sua discotecagem. Durante semana, sua única rotina é acordar cedo para andar com Kosmo no parque Ibirapuera. Voltando para casa, responde os e-mails e programa sua agenda que varia diariamente. Também grava seu programa de rádio semanal, participa de eventos e programas de televisão, dá entrevistas e, muitas vezes, é convidado para escrever para alguns veículos segmentados. E é aos fins de semana que sua vida é mais agitada, pois está sempre fazendo shows com sua banda Kid Vinil Experience e discotecando em festas pelo Brasil, principalmente as especiais de anos 80.

Mesmo depois de tantas conquistas, Kid ainda possui um sonho: “É ter mais dinheiro. Mas é mais dinheiro para comprar mais discos e ter uma casa enorme para caber os discos que ainda me faltam”.





ECOBOY

texto por Francielen Mariotto e Juliana Saiani

Uma caminhonete cinza estaciona ao nosso lado e quando entramos, Augusto recebe-nos com espontaneidade e ressalta, “Sou um pouco tímido para essas coisas, mas vamos lá (risos)”. Conversamos um pouco sobre o mal tempo que fazia em São Paulo e também sobre o trânsito que começava a ganhar densidade, consequência inevitável de uma sexta chuvosa na capital. Embora estivesse atrasado para gravar uma entrevista com desenvolvedores de um sistema de aquecimento solar, material que publicaria em seu blog, Augusto mantinha-se paciente e inalterável.

Augusto Zorello é fundador, junto de sua namorada Viviane Noda, do projeto PorQueNão, em que ambos procuram meios alternativos de viver em sociedade de forma ecologicamente consciente. O projeto foi idealizado há pouco mais de dois anos e tomou força com a ajuda das redes sociais, como não poderia deixar ser ganha adeptos constantemente. O que diferencia Augusto de um empreendedor comum são as mudanças que se deram a partir do momento em que escolheu seguir este projeto e os meios pelos quais resolver realiza-lo. Ele e sua companheira viajarão por todo o Brasil em busca de modos alternativos que visam uma consciência social e ecológica.

Para isso, juntaram – e ainda juntam – capital para que a viagem seja feita. O casal estima uma duração de dois anos para traçar todo o percurso planejado. Ambos trabalharam por pouco mais de três anos para acumularem esse capital, além do financiamento de pessoas próximas a eles que apoiam a iniciativa. Viviane vendeu recentemente o Peugeot ganhado pelos seus pais há alguns anos, e com mais algum dinheiro compraram a caminhonete a diesel, que pensam em convertê-la para receber óleo de cozinha usado como combustível.

Perguntamos sobre como seria sua moradia nesses dias que passariam na estrada, imediatamente Augusto aponta a traseira da caminhonete, “Lá atrás. Estou fazendo uma estrutura para colocar nesta parte de cima. Dá para montar uma caminha e até colocar uma geladeira pequena. Quanto ao banho, a gente se vira. Podemos tomar banho nos postos na beira da estrada ou até mesmo nas comunidades que encontrarmos no caminho”, explica-nos Augusto.

Em direção à USP, onde encontraria seus entrevistados, ele conta como sua família e seus amigos mais próximos reagiram diante de sua escolha

de vida. “É muito difícil explicar para as pessoas que não têm uma introdução mínima ao que a gente vai pesquisar, então, obviamente essas pessoas receberam essa ideia como uma coisa louca, talvez”. Embora ficasse subentendido que as pessoas viam com certo olhar de preconceito a forma como ele encarava a vida.

Chegando à USP, nós três nos identificamos na entrada da do local que abriga os projetos universitários. Somos barrados até que a autorização da visita chegue à portaria. Depois de um tempo de espera, os dois senhores que cuidam do projeto Sociedade do Sol aparecem para conceder a entrevista a Augusto. Descemos para o local onde desenvolvem os aquecedores solar. Lá, Augusto deixou-nos muito à vontade, tentando criar um envolvimento como se nós fossemos parte do PorQueNão e o que era para ser uma observação de seu trabalho, tornou-se uma conversa coletiva.

Na volta, satisfeito, Augusto contou-nos como era libertador viver, segundo ele, “sem algumas pressões impostas pela sociedade”. Ele é um jovem de classe média, inquieto, questionador e muito seguro de suas ideias. Tal segurança expressa-se no momento em que resolve explicar sobre algum tema que têm domínio, como a permacultura – sistema de planejamento para a criação de ambientes humanos sustentáveis. Quase em trejeitos teatrais, ele fazia digressões, e, por fim, algo que poderia ser resumido em uma frase, toma forma de um discurso longo e prolixo.

No outro dia fomos até sua casa, onde nos recebeu abertamente junto de sua família. Augusto cozinhava um risoto de limão siciliano, algo que segundo sua namorada, que também estava lá, fazia muito bem. Ele aprendera a cozinhar com sua avó materna, era interessado na culinária italiana, justamente por sua origem – seus avós e parte de sua família é italiana e reside lá. Algumas vezes, a apreensão desta cultura fica muito clara pelo jeito de falar, sua expressividade e até algumas brincadeiras e o dialeto usado para comunicar-se com seus amigos, com sotaque italiano.

Outro hábito que adotou para si foi tornar-se vegetariano. “Não faz sentido comer carne. Aliás, não faz sentido consumir qualquer produto de origem animal. É um tanto quanto contraditório amar os cachorrinhos e vestir cobra, comer vaca e porco, não acha?”, argumenta Augusto. “Foi uma das atitudes que eu diria que mais chocou as pessoas que me conhecem. Eu sempre comi carne, adorava um



churrasco, então quando tomei essa decisão, todos ficaram surpresos, meus amigos até me apelidaram de herbívoro. Agora sou o chato que leva abobrinha pros churrascos (risos)”, completa o empreendedor.

Sentamos todos na grande mesa preparada na sala de jantar. Estavam seus pais, sua irmã de seis anos, seu irmão mais velho, Viviane e Augusto. É visível a boa comunicação existente entre ele e sua família, expondo tudo o que pensa sem se privar de nada. Se não concordam com ele rebatem com argumentos tão embasados quanto aqueles usados por Augusto.

Depois do almoço, sentamos na sala para conversarmos. Viviane contou um pouco mais sobre o projeto, sua relação com Augusto e também sobre sua trajetória. “Conheci o Guto no colegial, nós tínhamos 16 anos, éramos muito novinhos. Começamos a namorar logo em seguida, e entre idas e vindas estamos até hoje”, Viviane. “Nós sempre gostamos de viajar para praia, montanha, cachoeiras... enfim, amamos estar em contato com a natureza. Não gostávamos do rumo mecânico que a vimos tomar a vida de muitas pessoas próximas a nós. A ideia de aliar o trabalho e nossa vontade de mudança no mundo foi o embrião do projeto, então fomos amadurecendo essas ideias até chegarmos no PorQueNão”, explica Viviane.

Enquanto conversávamos com sua namorada, Augusto escovava os dentes. Quando apareceu na sala, ainda escovando os dentes, pudemos ver pela cor marrom que não usava creme dental convencional. Ele explicou-nos que aquilo era pó de juá, uma planta usada na fabricação dos cremes dentais vendidos nos supermercados. Logo que termina, perguntamos com o que fazia sua higiene bucal. “Não adianta virar vegetariano e não questionar todos os nossos hábitos. São tantos que precisaríamos de uma outra vida para vivermos de maneira ética com o meio ambiente. Depois de nos informarmos, fazemos nossas próprias coisas. O desodorante, por exemplo, substituímos por bicabornato de sódio, ele mata as bactérias e não causa nenhum dano a saúde ou a natureza. Colocamos o pó em uma meia fina e batemos na axila quando precisamos. A Vivi também adotou algumas mudanças, agora ela usa absorvente reutilizável em vez do descartável”, relata Augusto.

Augusto tem, sem dúvida, uma forma diferente de enxergar o mundo. Abandonou uma posição e um estilo de vida escolhido pela maioria em nossa sociedade.



UM EMPRESÁRIO NOS ARES



texto e fotos por Bruna Hara e Camilla Sanches

Michel Louzada, 42 anos, transborda alegria e sua tranquilidade, se destaca na vida agitada de empresário, atleta e pai de família. Ele trabalha com o mercado imobiliário e, em paralelo, pratica Asa Delta, onde já foi tri campeão paulista, vice campeão brasileiro, ficou em 4º lugar no mundial da França e faz parte da equipe brasileira há mais de 10 anos. Nascido em São Paulo, o esporte sempre esteve presente em sua vida: “Eu sempre gostei de adrenalina, gostava de descer ladeira com bicicleta sem freio”. Desde pequeno ele tinha interesse por esportes radicais, viajava para o litoral norte quase todos os finais de semana, onde praticava surf.

Foi assim que conheceu a Asa Delta, em uma dessas idas à praia, conversando com um amigo que voava e o convidou para ser o seu resgate (pessoa que dirige o carro e é responsável por buscar o competidor no local que ele pousar) em uma etapa do campeonato brasileiro, em Minas Gerais. “Eu vi que era uma roubada, porque acordei bem cedo e fui com ele para a rampa do campeonato, os competidores voaram e eu tinha que buscar ele em algum lugar, caso ele não completasse a prova. Naquela época, eu ainda não tinha muita referência para saber a localização exata de onde ele estava, mas foi uma experiência legal. A partir desse momento, fui para outros locais, comecei a conhecer o pessoal do voo e me interessar. Eu fiz o murrinho, que é para aprender a decolar, gostei, comecei a fazer o curso e estou ai até hoje”.

Começou a voar com 27 anos de idade e teve uma adaptação muito rápida. A maioria das pessoas começam a praticar o esporte com uma asa de média performance, para depois chegar na intermediária e alta. Ele conseguiu passar para a asa de alta performance depois de poucos voos, além de conquistar o primeiro lugar no campeonato paranaense, sua primeira competição.

O que mais o impressionou em voar é a sensação de liberdade e tranquilidade, que existe quando está no ar: “Não tem barulho do carro que passa na rua e nem pessoas falando, é só você. A gente consegue ver a topografia do lugar de um outro ângulo. Já voei em locais com queda d’água e cachoeira que eu nunca iria ver se passasse de carro”.

Corinthiano desde pequeno, ele sempre foi apaixonado pelo time, adora se reunir com os amigos e assistir o clube do coração. E foi essa paixão que o incentivou a procurar o Corinthians para ser seu patrocinador: “Fui na loja do Corinthians, no Parque São Jorge, conheci o proprietário, comentei que voava de Asa Delta e queria ser patrocinado pelo time, perguntei se ele conhecia alguém. Ele me apresentou a secretária do presidente, que era o Andrés Sanchez na época, depois me passaram o contato do diretor de esportes terrestres, conversei e apresentei um projeto para eles, e deu certo, consegui o patrocínio”.

Junto com ele, em sua equipe de Asa Delta, está David Brito. Os dois tem uma boa relação e, segundo David, Michel é uma pessoa muito tranquila de conviver, durante todas as viagens para competições eles nunca tiveram uma desavença: “Tudo acontece com um clima bom, de parceria, somos uma equipe e nos orgulhamos dos colegas, sempre falamos que o importante é um de nós estar entre os três primeiros”.

E com essas viagens para as competições Michel teve a oportunidade de conhecer muitos lugares diferentes do mundo, como a França, voou nos Alpes: “Eu lembro que tinha montanhas que iam além das nuvens, tinham neve permanente”. Nessa ocasião eles ficaram em 4º lugar e tiveram a sensação de ter ganhado o mundial, pois o clima era completamente diferente de tudo que já tinham visto no Brasil: “Ninguém imaginava que chegaríamos lá”.

Durante esses 20 anos de carreira esportiva ele sofreu 2 acidentes que quase tiraram sua vida. No primeiro deles, durante uma





decolagem, sua asa virou, ele saiu rodando e ao puxar o para quedas, esse não funcionou muito bem, fazendo com que ele chegasse muito rápido ao chão, teve que ficar na UTI por um tempo até se recuperar. Já o segundo acidente, no dia em que foi fazer uma matéria para o Sport TV, a marchinha de sua asa enroscou no equipamento e ele bateu a cabeça no chão, deslocou a vértebra, teve que operar e por pouco não sofreu algo mais grave que o fizesse parar de andar ou largar o esporte.

Mas como ele mesmo diz: “Não dá para sobreviver de esporte como a Asa Delta, no Brasil”. Michel, em contraponto, tem um caminho muito diferente desse radical, a Imobiliária Michel Louzada, na Zona Leste de São Paulo, onde ele passa a maior parte de seu tempo. Ele está presente no ramo há pelo menos 25 anos, já que trabalhava com seu pai, Juvenal Louzada, em uma outra imobiliária. Essa parceria não foi muito bem sucedida, pois segundo Michel os dois tinham

gênio forte e ideologias de trabalho diferentes, fazendo com que estivessem a todo momento se estranhando.

Após algumas brigas com seu pai, decidiu montar uma imobiliária própria, que pudesse aplicar os seus conhecimentos e tivesse uma boa parceria, mas a primeira experiência não deu muito certo, pois o antigo sócio não teve o comprometimento necessário. Comprou a outra parte da sociedade e começou a procurar novos sócios, foi então que conheceu Torquato Durazzo e Ricardo Falarini e formou a sociedade: “Quando apresentei meu projeto para eles, duas pessoas que não conheciam nada desse mercado, aceitaram na hora entrar nessa minha proposta de ideias novas”.

Hoje, depois de um anos e meio, eles têm uma estrutura que muitas empresas com anos não possuem e um crescimento cada vez maior na região. Para Ricardo Falarini: “Foi uma questão de confiança mútua. Eu vim do mercado automobilístico, não tinha



conhecimento de imóveis, mas entendia muito de gestão, conseguimos juntar um pouco do que cada um conhecia para chegarmos no que somos hoje. Ganhei um sócio, mas também um grande amigo”.

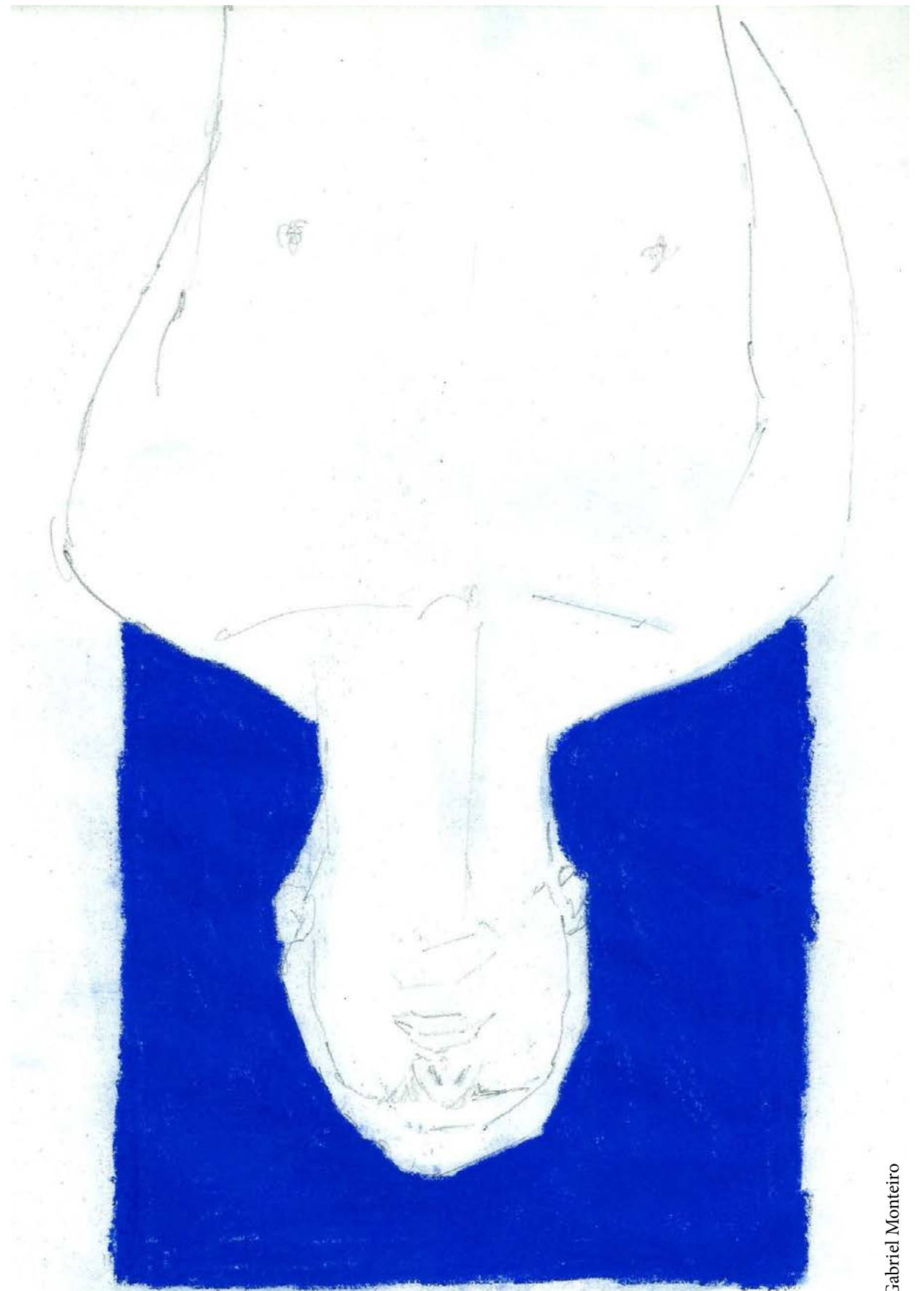
Além dos negócios e do esporte, Michel Louzada também tem uma terceira tarefa, a de pai de família. Casado atualmente com Carla Alonso Louzada, 36 anos, ele tem 2 filhos, Júlia, 2 anos e Ian, o pequeno de apenas 10 meses, há também o Gabriel, de 23 anos, filho de um relacionamento antigo.

Conheceu sua esposa em uma praia de Santa Catarina, ela estava lá, por coincidência, com sua ex cunhada. Os dois namoraram durante 10 anos antes de se casar: “Se eu não me casasse com ela acho que não casaria com

mais ninguém”. Carla conta que Michel é um pouco estressado na convivência em casa, mas é um ótimo marido e pai: “Ele me ajuda a cuidar das crianças e trocar fraldas, aqui em casa não existe tarefas para mulher ou para homem, todo mundo ajuda um pouquinho e isso faz com que a gente se dê muito bem”.

Sua esposa confessa que está frequentando menos competições de Michel: “Fico com o coração apertado toda vez que ele vai voar, principalmente agora que temos dois filhos pequenos e eu não posso o acompanhar sempre. Fico em casa torcendo pra que tudo dê certo, isso acaba me agoniando um pouco, mas dá muito orgulho dele por tudo que conquistou na carreira de atleta e que tem conquistado com a nova Imobiliária, tenho certeza que tudo trará ainda mais felicidade pra gente”.

“NINGUÉM IMAGINAVA QUE CHEGARÍAMOS LÁ”.





Júlia Müller

Aquele que poderia estar no centenário

.....
Daniel Fuzato é goleiro da base sub-17 do Palmeiras. Com Deola e Fábio no time principal, jogador é uma das razões para acreditarmos novamente na escola de goleiros do clube alviverde
.....

Matéria de Júlia Müller e André Dominguez

Apanhar e não poder revidar. Correr e não conseguir fugir. Ser jogado no chão e ficar por ali. Cair, escorregar, tombar, ir para a segunda divisão. Tomar seis gols e não marcar nenhum. Como reagir a este trágico panorama? Para o Palmeiras, 2014 é para completar 100 anos e não assoprar velas. Nem mesmo o estádio luxuoso é capaz de afastar o time da humilhação do rebaixamento. As chances da redenção, contudo, surgem a quilômetros dos titulares, a anos de distância e níveis de competência.

Ramon, Esquerdinha, Erik, David, Thiago Mendes e Wellinton Júnior marcaram sobre Deola, goleiro em campo na partida contra o Goiás. Reserva do polêmico Fábio, o jogador deu nova prova de que a equipe não pode se tranquilizar quando a bola se aproximar dos arcos do gol. Mas por que logo esta posição é punida com tantos cartões vermelhos no ano do centenário? Justo aquela que recheou a história do Palmeiras com nomes de ídolos, fez defesas brilharem mais do que

gols, torcidas celebrarem a quebra de um passe. Vendo-se diante deste marasmo de talento, um jovem atleta de apenas 17 anos destaca-se na base do clube e recebe cargas de sonhos em suas costas, candidatando-se a vaga de próximo salvador do alviverde paulista.

Loiro, com aproximadamente 1,89 metros de altura e pesando 86 kg, Daniel Cerantola Fuzato é profissional do Palmeiras desde 2010. O jogador, transvestido de criança, passava a fazer parte do time aos 12 anos de idade, há cinco primaveras, com sonhos maiores do que a realidade- e isso nunca foi relevante para quem sempre esteve à vontade para pular obstáculos, sejam eles nos gramados ou na vida pessoal.

Daniel é acostumado a elogios, até o tempo parece lhe querer bem. É apelidado de Dandis, o plural de homem elegante e cavalheiro. Com tudo isso, mesmo assim o garoto não se engana com a vaidade e não mergulha em águas de narcisismos. Humildade é do caráter do menino-adulto,

ora filho de Marco Fuzato e Marília Fuzato, ora discípulo de treinadores. Entende que vive em duas esferas, que tem um melhor amigo fora de disputas, mas é solitário quando está vestindo o uniforme palmeirense.

Manto este que é completo. As luvas de Daniel parecem caber-lhe perfeitamente em suas mãos, como se fossem uma segunda pele do jogador, brancas em contraste com sua pele de origem clara, porém ensolarada pelos anos. Elas não escorregam pelos seus dedos, é preciso muita força acompanhada de um semblante insatisfatório para elas o deixarem, talvez pelos constantes choques promovidos pela bola, as próprias já pensam ser ali sua morada.

Paradoxalmente, o goleiro não tem morada definida. Daniel deixou a casa dos pais em Santa Bárbara do Oeste para poder ficar mais perto de seu trabalho. O Palmeiras tornou-se sua habitação desde os 12 anos: recolhido no alojamento do clube assim que chegou à São Paulo, hoje o atleta divide quarto com cinco companheiros do sub-20, na chamada “Casa dos 20”. Porém, aos finais de semana, ele cede. A saudade fala mais alto e ele embarca em um ônibus de volta para o lar dos pais- se o Palmeiras não for disputar nenhum jogo em São Paulo, é claro.

Caso os carteiros queiram enviar-lhe saudações, saibam que Daniel dorme no endereço da Rua Marquês de São Vicente, 2650 A, na Barra Funda, porém ainda de manhã muda-se para Guarulhos, mais especificadamente no final da Rua Vitória Calegare, próximo a Rodovia Ayrton Senna, onde fica o centro de treinamento da base.

Com relação a este, Daniel mantém uma relação que uniu à história afeição. As maçãs distribuídas no local já não são novidades para ele, porém o CT alverde lhe proporciona muito mais do que isso. Bastante acostumado com o lugar, o menino conhece a maioria dos funcionários que ali trabalham, mesmos os responsáveis pela grama ou que seja os médicos plantonistas, mais conhecidos pelo cargo que exercem, o de “Doutor”. Os “Doutor”, sem jalecos brancos e estetoscópios ao redor

Daniel deixou a casa dos pais em Santa Bárbara do Oeste para poder ficar mais perto de seu trabalho. O Palmeiras tornou-se sua habitação desde os 12 anos: recolhido no alojamento do clube assim que chegou à São Paulo, hoje o atleta divide quarto com cinco companheiros do sub-20, na chamada “Casa dos 20”.

do pescoço, volta e meia se misturam com o restante das equipes, jogam bola com os atletas e por instantes compartilham do sonho de Daniel.

Falando em cuidados médicos, em setembro deste ano Daniel estava recuperando-se de um desgaste em seu joelho. Na contramão do que possamos imaginar, a lesão aumentou ainda mais a carga horária de trabalho do jovem, que passou a treinar até mesmo no sábado; e olha que ele detesta a academia, alega que ela causa dores nas pernas. Enganaríamos-nos, e ele enganaria a si mesmo se pensasse em desistir ou reduzir as promessas por este imprevisto. A sede do ‘porco’ aumentou quando ele afastou-se do curral: dedicou-se ainda mais. A primeira vez que o vimos, inclusive, ele estava correndo sozinho ao redor do gramado quando o relógio ainda não havia chegado à casa das 9. Era muito cedo para alguém estar ali, mas ninguém repararia nisso se o quesito questionado fosse sua idade.

Quando conversamos com o técnico responsável pelo Sub-17 pela primeira vez, recebemos a indicação de que deveria conversar com um menino que ali treinava e tinha um futuro profissional promissor e uma boa capacidade cognitiva, alta o bastante para responder nossas questões e construir



Júlia Müller

frases lógicas. Conhecemos Daniel. Foi por intermédio deste que chegamos a um convívio. Foi por diferenciar-se dos demais tanto pela inteligência quanto pela qualidade técnica que o jogador se transformou em nosso personagem.

A este diferencial cognitivo Daniel também dedica seu tempo. Só lhe resta a noite para frequentar o colégio, já que o resto do dia é ocupado por chutes e defesas. Cumpre suas responsabilidades e vai ao colégio localizado perto do alojamento diariamente. Não pensa em parar sua vida acadêmica por ali. Daniel quer poder vestir uma beca. Pensa em fazer educação física pela aptidão com esportes, porém vez ou outra desliza para o jornalismo. Deixar de fazer faculdade? “Meu pai me mata”, ri e gargalha para trás o metade estudante.

Já agora no terceiro grau do ensino médio, período em que normalmente os alunos se dedicam ao vestibular, Daniel quer estender o seu ingresso em uma universidade para dali a alguns anos, possivelmente dois. No momento pensa somente em futebol. Esquecer-se desta

lesão e voltar a ocupar o cargo de titular da Sub-17, atualmente preenchido por um dos melhores amigos de Daniel, o também sorridente Matheus.

Mais acima, já havíamos comentado que Daniel sabe deixar o que é supérfluo para fora dos gramados. Preserva sua amizade com Matheus mesmo este sendo seu maior rival em campo. “Quando ele estiver jogando vou torcer muito para ele”. Sabe que isso é coisa de gente grande.

E é em gente grande que Daniel se espelha. Não são precisas muitas chances para adivinhar o jogador que serve de inspiração para o garoto. “Ah, o Marcos, né?!”, diz o atleta quase que como em um deboche, parece que questionado sobre o óbvio. “Tem o Júlio César, que eu gosto muito também”, adiciona o menino, mas nada como Marcos, o Santo. Fora os dois brasileiros, Daniel também cita o alemão Neuer, a referência “mais em alta” no momento.

Com relação ao seu clube, entende que esta é apenas uma má fase. As mudanças de técnico e outras alterações incomodam



o jogador, não a ponto dele irritar-se com a sua equipe. “Acho que isso é normal no meio do futebol, o Palmeiras sempre tenta mudar pra melhor”, explicou o atleta. De mudanças no futebol, o garoto sabe bem. Desde que chegou ao time, ele já passou pela mão de três preparadores: Danilo, Tales e Rodrigo, nesta ordem respectivamente.

Durante o período em que Gilson Kleina era técnico do Palmeiras, Daniel ia treinar com o time principal uma ou duas vezes por semana. Isso mudou, assim como Kleina e depois como Gareca. O time vive uma vaia de protestos, desde o Presidente até o elenco. É uma parte específica do elenco, porém, que sofre as mais duras críticas: a defesa. Nem Lúcio vem jogando bem. Fernando Prass ainda está se recuperando. Tira Fábio, coloca Deola, toma seis gols. Como reagir?

Coisa estranha de se entender. Não era justamente nessa área que o Palmeiras se se destacava? Aonde foi parar a famosa “escola de goleiros”, aquela responsável por revelar nomes como o de Oberdan, Valdir, Emerson

Leão e Marcos? Esta fase indigna é passageira, porém. Pelo menos para o atual treinador de goleiros da base sub-17. Segundo Rodrigo, o Palmeiras ficará tranquilo por um bom tempo com essa posição. “Seus meninos” tem alto potencial técnico e as más performances dos

Segundo o atual preparador de goleiros da base, o Palmeiras ficará tranquilo por um bom tempo com essa posição. “Seus meninos” tem alto potencial técnico e as más performances dos titulares costumam virar piada e pressão sobre a cabeça dos jovens atletas.

Escola de goleiros do Palmeiras



titulares costumam virar piada e pressão sobre a cabeça dos jovens atletas.

Daniel talvez seja maior a representação desta esperança, ou encarnação, se sua religião permitir. Não há espaço dentro dos arcos que Daniel não alcance, com um pulo de gazela ou saltos inspirados em São Marcos. Concentrado, confiante e destinado, o atleta vê agora o time fazer os erros que não

poderá cometer no futuro. Que o tempo lhe conceda ainda mais técnica, assim no gol como no tiro de meta. Seguindo este passos, a vitória de cada dia está a caminho, assim como a santificação de um outro nome que já faz parte do velho testamento: o do profeta Daniel, que bem poderia estar salvando o Palmeiras no ano de seu centenário.

DE DIVERGENTES, APENAS AS LENTE



“ Fiquem à vontade. Só não ofereço um café pois a máquina está desligada e a única pessoa que sabe ligar está na Bulgária.”

Foi com essa frase que se abriram os sorrisos no início da entrevista, e abertos ficaram até o fim dela. Por trás de um olhar tímido, Luis Mauro Sá Martino cativa dia após dia centenas de alunos da graduação, da pós e do mestrado, na Faculdade Cásper Líbero. E isso não é de hoje.

Formado pela própria Cásper, em 1998, Luis sempre foi visto como um aluno sério, e não no quesito personalidade, mas no empenho em relação aos estudos. Como estudante, alguns de seus professores – que hoje são seus colegas de trabalho – o consideravam diferenciado. “O Luis Mauro sempre teve uma postura diferente dos outros alunos. Se relacionava com os colegas de turma muito bem, mas como aluno, era perceptível o quão focado ele era. E mais: estudava por prazer, não por obrigação”, conta Welington Andrade, professor de Língua Portuguesa da Fundação e, hoje, amigo pessoal de Luis Mauro. “Eu o admiro muito. A cada dois meses vamos juntos até a Companhia das Letras, onde nos são fornecidos gratuitamente dois livros. O deslocamento já é uma diversão, pois Luis é muito bem humorado, e eu me considero uma pessoa de certo humor também (risos).”

Responsável pela disciplina de Comunicação

Comparada, no curso da graduação, Luis Mauro envolve ciências diversas em suas aulas: navega pela sociologia, pela filosofia e, claro, pelas experiências pessoais na vivência social. As particularidades de seu jeito mantêm as salas cheias do início ao fim de suas aulas. Apaixonado por astronomia, foi barrado pela frustração que se tornaram as ciências exatas a partir do segundo ano do Ensino Médio. Mas como sempre foi uma pessoa versátil, cujos interesses navegavam por áreas opostas, passou a gostar muito de Ciências Sociais, apesar de não ter escolhido cursar a disciplina na universidade pelo medo de se tornar professor. “Sempre gostei muito de História, mas não segui essa paixão pois pensei que se me formasse historiador, teria que dar aula, e eu nunca, jamais daria aula. Ser professor? De forma alguma”, brinca. Fugindo das salas de aula, pensou em como poderia conciliar sua paixão pela escrita, por História e por política, e então decidiu que seria jornalista. Ao iniciar o curso, viu que estava no lugar certo, mas confessou se interessar muito mais pelas matérias teóricas do que pelas práticas. No terceiro ano, ao conversar com seus professores, percebeu que não podia fugir de sua vocação: se tornou o primeiro aluno do CIP e começou a participar mais e mais da academia. Logo após se formar, foi convidado pelo então coordenador de





Jornalismo da época para lecionar no curso. “Foi uma surpresa. Diversos sentimentos ao mesmo tempo: gratidão, medo, insegurança... mas o desafio me cativou. E cá estou até hoje”, conta.

Nascido dia 8 de novembro, na própria cidade de São Paulo, Luis Mauro não se vê mais longe da grande metrópole. “Toda vez que respiro ar puro, eu passo mal (risos). São Paulo é um lugar onde você pode não fazer cerca de 150 mil coisas em uma noite. Me encanta a variedade de possibilidades, por mais que eu não desfrute de todas. Pelo menos elas estão lá”, diz. Por mais que seja escorpiano – signo que leva a vaidade e a ortodoxia como principais características –, o professor é um tanto quanto excepcional: a serenidade é uma das suas principais características, e isso é evidenciado tanto nas salas de aula como fora delas. Em casa, tem como sua principal amiga a esposa, Anna Carolina. “Nos conhecemos na Cásper. Eu estava no último ano e era monitor de Jornalismo, e ela, no primeiro ano, também se tornou monitora. Certo dia, a ofereci uma carona... e então, 15 anos depois, a gente continua dividindo o mesmo carro”, brinca. “Ela não é apenas minha esposa, mas sempre foi uma grande amiga, que me apoiou em todas as minhas decisões.” Em 2012, quando Luis Mauro ganhou uma bolsa de estudos para fazer

pós-doutorado na Universidade de East Anglia, em Norwich, ela foi a primeira a apoiar sua ida. Passou um ano na Inglaterra e, como resultados de seus estudos, lançou mais um livro assim que voltou ao Brasil: o “The Mediatization of Religion”, que foi publicado pela Editora Ashgate, no ano de 2013. Para ele, escrever livros é algo viciante, assim como a Língua Portuguesa. Ao misturar esses dois prazeres, não há como o resultado ser negativo.

Motivado pelos pequenos prazeres da vida, Luis ganhou um presentinho nos últimos dois anos – e seus olhos brilham apenas ao tocar no assunto. Lucas, seu filho, veio para fazê-lo ver a vida ainda mais lindamente. “Minha vida ficou mais legal em todos os aspectos. Comecei a aproveitar muito mais. Tudo ficou mais intenso... vai ficar brega, ok? Mas eu descobri emoções e sentimentos que eu não imaginava que fossem possíveis, pois não dá para descrever o que é o teu filho olhar para você e dizer: pa-pai, pela primeira vez. Foi uma quarta-feira de manhã. Cara, você vai pra lua nessas horas”, emociona-se. Sempre que fala de Lucas, o semblante de Luis Mauro muda: os sorrisos se tornam mais sinceros e os suspiros mais profundos. “Às vezes são até situações banais: um dia eu o convidei para jogar bola e a resposta foi: “não, me desculpe, não estou com vontade.” Como não se

“Dar aula e fazer pesquisa, para mim, está ótimo. Não tenho outras ambições maiores que estas. Tenho ambições nessas áreas, claro, desenvolver conhecimentos ainda mais instigantes, aprender coisas que eu não sei”.

divertir com essa espontaneidade? Impossível.” realizado pelo patamar que atingiu hoje. Não são apenas os alunos que se tornam fãs de Luis: seu colega de sala, Edilson Cazeloto – responsável por ensinar Teorias da Comunicação aos primeiros anos da Cásper Líbero – se considera seu grande admirador: “Na prateleira da sala que dividimos, ele guarda livros de Kant e Aristóteles junto com miniaturas de Darth Vader”, ri Edilson – que se lamenta por não poder passar mais tempo com o colega. “Eu brinco que o segredo do Luis Mauro é que ele tem uma máquina de clonagem em casa. Não é possível para um único ser humano fazer tudo o que ele faz. É um dos intelectuais mais bem preparados que conheço, mantendo-se atualizado nos desenvolvimentos da área. Além de ótimo pai e marido, produz muito, participa dos principais fóruns de debate da comunicação e ainda cuida dos trabalhos “internos” da Cásper”, conclui.

Hoje, em 2014, o professor afirma que seu maior desafio pessoal é criar um cidadão legal, alguém que respeite os outros e a si mesmo, e que saiba fazer escolhas e assumi-las. É uma das cobranças que ele mais se faz. Profissionalmente, se considera Com 36 anos, Luis já é pós-doutor, mas ainda há muito para ser conquistado nessa área. “Dar aula e fazer pesquisa, para mim, está ótimo. Não tenho

outras ambições maiores que estas. Tenho ambições nessas áreas, claro, desenvolver conhecimentos ainda mais instigantes, aprender coisas que eu não sei”, afirma. Uma das principais áreas pela qual Luis se interessa é a psicanálise, apesar de ser um leigo no assunto. Para o futuro, tem como objetivo mergulhar mais profundamente nesse campo, já que as relações interpessoais e a comunicação estão se tornando mais e mais complexas.

Mas é claro, que apesar de adorar ficar com o Lucas, com a Anna e com seus alunos, Luis valoriza momentos onde possa ficar só com seus pensamentos. Nessas ocasiões, não podem faltar chá e uma televisão. “Gosto de séries. Em meu tempo livre, ou estou assistindo a alguma série, ou, pela milésima vez, Star Wars e Senhor dos Anéis, pescando detalhes que eu por ventura deixei passar nas últimas 999 vezes (risos)”. O que muitos não sabem, é que, além de todas suas funções, Luis tem uma identidade secreta: ele é músico. Mas não músico de formação. Aprendeu a tocar piano por si só e, além de lecionar na Cásper, dá aula de música na Faculdade Cantareira. “A música é uma paixão de infância que nunca pude cultivar, mas fui aprendendo com a cara e com a coragem”. relata. “Ela inclusive me ajudou a conseguir estágios. Certa vez, em uma entrevista de emprego, a pauta era entrevistar um maestro. Ninguém se habilitou, e então, eu fui. Consegui o emprego”.

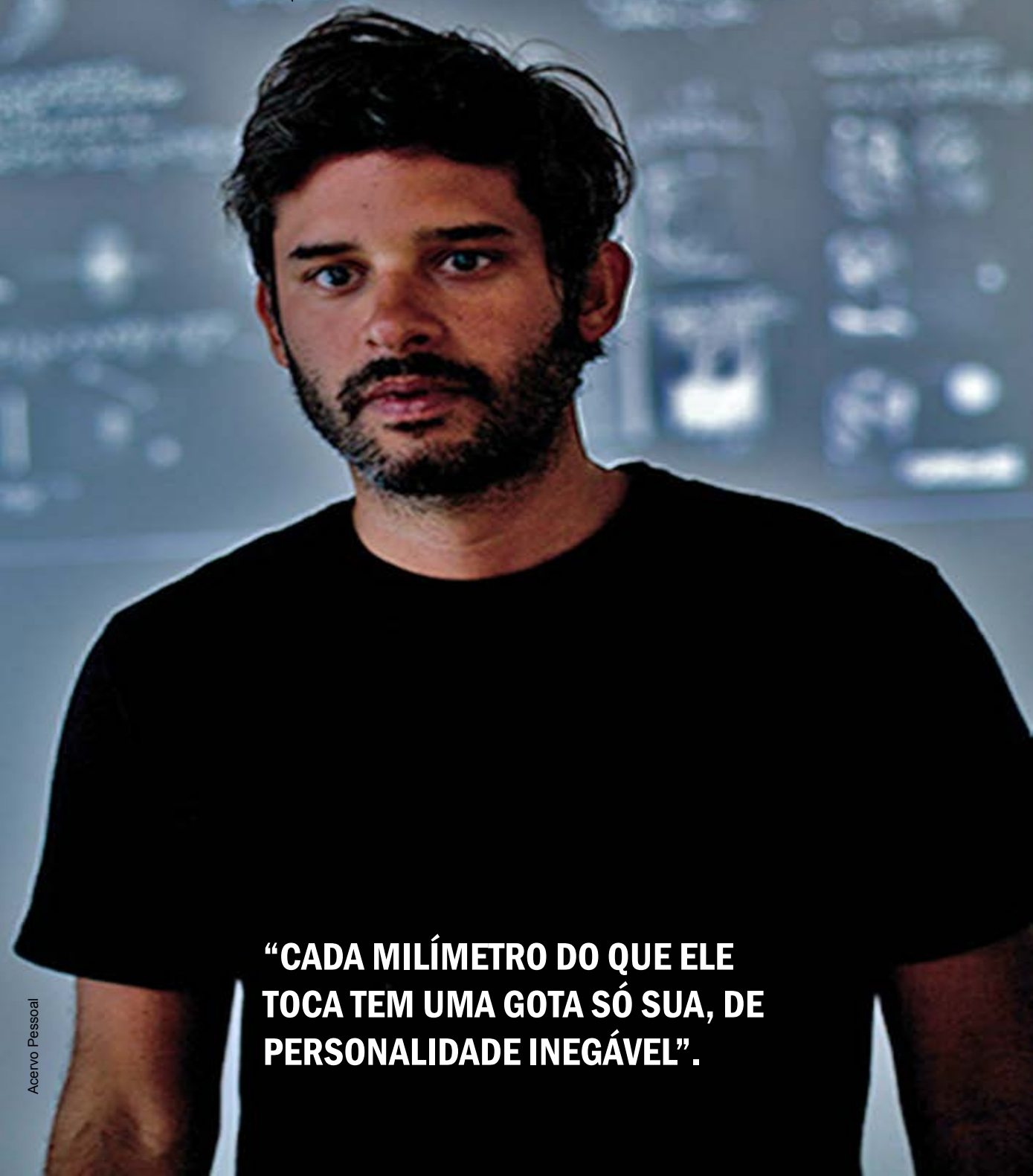
Beatlemaníaco, Luis Mauro não se desfaz de seus LPs. É admirador de música com conteúdo léxico e não apenas com ritmo. Seu gosto varia de metal à MPB, mas sua paixão implícita é a música clássica. “Não costumo falar de imediato que adoro música clássica, iriam me considerar um chato metido a refinado. O próximo passo seria dizer que também tomo whiskey no café da manhã”. brinca.

Dono de uma simpatia inconfundível, Luis Mauro é um mestre que a cada dia traz uma surpresa em seu enredo. Não é apenas um exemplo de pai e de marido, mas um profissional excelente que inspira diariamente pessoas das mais diversas faixas etárias. Essa convivência deixou de ser uma obrigação para se tornar uma honra.

“Dono de uma simpatia inconfundível, Luis Mauro é um mestre que a cada dia traz uma surpresa em seu enredo. Não é apenas um exemplo de pai e de marido, mas um profissional excelente que inspira diariamente pessoas das mais diversas faixas etárias”.



DE ALMA PINTADA



“CADA MILÍMETRO DO QUE ELE TOCA TEM UMA GOTA SÓ SUA, DE PERSONALIDADE INEGÁVEL”.

A observação mais atenta do dia a dia de Bruno Novelli é como assistir a preparação de um de seus próprios quadros: transpirar arte. Cada milímetro do que ele toca tem uma gota só sua, de personalidade inegável. A banqueta branca respingada de cores fortes na qual senta atento já parece transportá-lo para um universo próprio. Assim como ele já havia advertido desde os primeiros contatos, essa é uma viagem para outra dimensão.

Nascido em 1980, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Novelli conta que seu interesse por desenho existe desde que tem consciência de si mesmo. Ainda criança, encontrou-se nas linhas e teve o primeiro contato com os ensinamentos artísticos no Atelier Livre, da Prefeitura de Porto Alegre. Sempre introspectivo, desenvolveu uma marca própria ainda jovem e incorporou o nome artístico que, hoje, o consagra internacionalmente: 9li.

Bruno deixou a casa dos pais aos vinte anos para se especializar naquilo que tem como oxigênio, a arte. Em 2001, mudou-se para os Estados Unidos, onde permaneceu por dois anos, até concluir o curso na School of Visual Arts, em Nova Iorque. “Sabia que o choque cultural causado pela mudança de país seria muito produtivo para minha criatividade. Lá eu estaria sozinho, longe da segurança que minha cidade me proporciona, o que aflora os instintos primitivos. Foi o maior contato que tive comigo mesmo, naquele momento eu descobria todo o meu interior que queria colocar para fora com meus pincéis”, conta ele, gesticulando muito, hábito que herdou da família composta por italianos, o que também é reforçado pela sua alta estatura, os olhos e cabelos castanhos escuro.

O diploma branco enquadado e pendurado destoa do restante dos traços largos na parede de seu ateliê, a sala de entrada do apartamento onde mora atualmente, na Avenida Paulista, altura de cruzamento com a Avenida Brigadeiro Luis Antônio. Ao lado deste, está o de graduação em Design Gráfico pela Escola Superior de Propaganda e Marketing, faculdade que frequentou nos últimos quatro anos, ao longo dos quais morou em São Paulo. A sala é larga e muito bem iluminada por uma esquadria de focos em lâmpada branca. O chão de madeira é todo respingado de tinta e, em um dos pontos há jornal espalhado. “Eu gosto de projetar minhas novas criações inicialmente na parede daqui de casa. Essa aqui é a peça teste da minha nova série, que

“SEU MAIOR DESEJO É QUE SUA ARTE POSSA TRANSPORTAR QUALQUER UM QUE A VEJA PARA OUTRA DIMENSÃO”.



Acervo Pessoal

pretendo lançar no começo do ano que vem”, explica ele, ao notar que olhávamos a obra inacabada, e ainda brinca “o bom é que sempre tenho uma nova decoração sem gastar nada”.

A tinta em suas mãos é usada para muitas finalidades. Bruno se diverte ao contar que ele próprio pinta as paredes de branco novamente,

quando precisa de inspiração, e que o hall do elevador de seu andar também já foi “vítima de seu projeto a pintor”: ele não gostava da cor creme que estava quando chegou, então conversou com a vizinha de porta que prontamente concordou que ele a trocasse pelo cobre que lá se encontra.

Aficionado pelo místico, o artista plástico diz que,

no início, tudo o que desenvolvia seguia o raciocínio binário. Gostava dos opostos encontrados e, por isso, usava somente nanquim em papel branco. “O preto corta a luz e define uma forma única”, afirma. Hoje, o artista tem como estilo pessoal ainda o uso constante de preto e branco, mas impactados por cores vibrantes, como o vermelho e o verde. Os Traços do grafismo, carrancas e aspecto selvagem são características facilmente detectáveis e inspiradas pela força das etnias, com destaque para rituais amazônicos e manifestações africanas

e japonesas, religiões, ocultismo e filosofia. Diferentemente do que grande parte das pessoas que decidem seguir a vida pelo viés artístico, Bruno Novelli sempre contou com o apoio de sua família. Os pais incentivaram o desenvolvimento de sensibilidade aos diversos tipos de arte na criação dele e do irmão, que hoje é músico, Lucas Silveira, vocalista e guitarrista da banda de rock nacional, Fresno. “Crescemos em uma sintonia muito diferente. Ambos lidamos com as emoções voltadas para exteriorar em algo que também possa tocar



algum outro de alguma forma. Ainda brincamos que lidamos com os dois tipos de fama: o Lucas é prontamente reconhecido na rua e tira fotos com milhares de pessoas. Eu vejo minhas pinturas serem reconhecidas, mas dificilmente a mim mesmo, sou cumprimentado por freqüentadores das galerias quando compareço a inaugurações, mas nunca pela minha própria imagem”, graceja.

As obras de 9li alcançam o mundo. Hoje, ele tem exposições dedicadas exclusivamente ao seu trabalho na Anno Domini Gallery, em San Jose, na Califórnia, Estados Unidos; na Kalpani ArtSpace, em Milão, Itália; na Rojo, em Copenhagen, na Dinamarca; na Galeria Thomas Cohn, em São Paulo, dentre outras diversas. Ele prefere compor em séries, pois acredita que uma única tela não é capaz de conter todo um universo criativo. As coleções sempre ultrapassam o mínimo de quatro telas, que, então, podem abranger cada nova dimensão que ele pretende criar.

Além de quatro paredes, no entanto, é onde Bruno se sente mais a vontade. O trabalho desenvolvido na rua sofre diversas influências ambientais, como o vai e vem das pessoas e dos carros que torna a ação muito mais dinâmica. Mas o fator mais determinante é a constante atenção com a chegada de policiais. No Brasil, a street art ainda sofre com as leis do Estado, que condenam a prática. Apesar disso, é a manifestação que mais
60 CAMARADAS perfis

o atrai. Novelli declara que a arte de rua brasileira é uma das que mais chama a atenção no mundo pela pluralidade e personalidade dos estilos e, por isso, é apoiador afincado do grafitti e diz que vários dos painéis que pintou pela capital já foram apagados pela Lei da Cidade Limpa.

Visando a disseminação de seus conceitos à outros aspirantes da arte, idealizou e, atualmente, busca a colocação em prática da Universidade Autoindicada, que tem como sistema de ensino a livre pesquisa, com disciplinas e mestres a serem optados pelos alunos. Bruno defende que o aprendizado que possibilita o contato de assuntos contraditórios leva a criação de um laço metafísico, que aflora a intuição e a impressão, purificando a arte gerada.

Tomado pela sensibilidade ao transferir o imaginário para as mãos, 9li é firme ao dizer que seu maior desejo é que sua arte possa transportar qualquer um que a veja para outra dimensão, que seja totalmente metafísica e transformar, ao mínimo que seja, a maneira de verem o mundo. É este o pensamento, inclusive, que diz querer passar ao seu filho, Caetano, com apenas um mês de vida. A essa altura, ele já chorava ao fundo “o papai agora precisa descer da nave”, brinca, ao colocar Lotte, sua gata siamesa e companheira das madrugadas em claro no chão, e responder sua mulher, Luísa, que o chama ao fundo. “Já vou indo!”.

FACULDADE CÁSPER LÍBERO

A EXPERIÊNCIA DE FAZER E ENSINAR COMUNICAÇÃO



CURSOS

Jornalismo



Publicidade e Propaganda



Rádio e TV



Relações Públicas



FACULDADE CÁSPER LÍBERO
FORMANDO OS MELHORES
PROFISSIONAIS DA COMUNICAÇÃO



/FaculdadeCasperLibero



@casperlifero



/casperlifero



A ARTE DE (RE)CONTAR A PRÓPRIA HISTÓRIA

Juliana Yamaoka e Tamires Rodrigues

“Nunca tinha imaginado
fazer algo do tipo”

- Tatiana Piccardi

Voz pausada e suave. Cabelos soltos mas com a franja presa para trás. Uma roupa colorida e uma calça social. E uma mala de couro marrom com a tira na diagonal levando seu material da aula de natação. Duas vezes por semana, geralmente de segunda e quarta-feira, Tatiana Piccardi acorda de manhã para se exercitar nas aulas de natação, na escola onde o filho Guilherme se formou.

Sempre bem humorada, Tati, como é carinhosamente apelidada pelas amigas, entra no vestiário pronta para cair na água. Recentemente, cumpriu um desafio que almejou há muito tempo: pulou do bloco da piscina. Ela o considerava muito alto e achava que iria dar uma barrigada. Sempre que a professora Rejane pedia aos alunos para dar um tiro, ou seja, sair pulando e nadando rapidamente, Tatiana pulava na água antes para dar um impulso na parede e

sair adiante.

Naquele dia, ela conseguiu vencer a altura e se emocionou. “Parece até que é uma coisa besta”. Mas, este não foi o primeiro dos grandes pulos que ela enfrentou na vida.

Quem a observa, não imagina que aquela mulher, bonita, bem de vida e de bom humor possa ter enfrentado uma grande perda de cabeça erguida. A natação é apenas um dos compromissos que ela desempenha ao longo da semana entre manter sua casa organizada, dar palestras, trabalhar em Home Office, participar de bancas e revisão de textos, além de muita leitura e escrita para relaxar.

Algumas vezes na semana, ela vai para a Associação Helena Piccardi de Andrade Silva. A AHPAS (pronuncia-se “a paz”) carrega o nome de sua filha, que faleceu precocemente aos 5 anos de idade devido a um câncer fatal. A ideia da



criação partiu de seu ex-marido Luís Maurício, que inicialmente foi recusada pela mãe de Heleninha, já que “nunca tinha imaginado fazer algo do tipo”.

Tatiana avalia que teve um bom casamento, que durou 25 anos e resultou em 3 gestações. A primeira aconteceu quando tinha 25 anos e não resistiu aos primeiros meses. A segunda, aos 28 anos, quando nasceu Guilherme, hoje com 25 anos de idade. Ele é filho único e tem a música como a grande paixão. Já formado em direito fundou a banda Hotelo com um grupo de amigos; ele é o baterista. Mora com a mãe em um apartamento na Zona Sul da cidade, no bairro do Brooklyn. A terceira gravidez foi de Helena, 5 anos depois.

“Ah, Cris, que bom! Você sendo a anfitriã, ganha um presente” e finaliza a conversa no telefone antes de iniciarmos pela quarta vez uma entrevista. Começamos. O telefone toca de novo. “Tudo acontece ao mesmo tempo”. Entre um gole de suco natural de laranja e um pão na chapa, conversamos sobre sua família.

“Eu adorei a sensação do parto, a experiência foi muito boa, não vou esquecer das minhas gravidezes”. Ela me conta que as pessoas normalmente têm muita dor, mas que é gratificante porque sabia que receber um bebê é recompensador. Tatiana diz que nas três situações, todos foram partos naturais por recomendação do médico, que valorizava muito a questão da sensibilidade.

A partir da experiência vivida com Helena, Tatiana e o marido resolveram fundar a AHPAS com o propósito de oferecer transporte seguro e confortável para crianças carentes em tratamento contra o câncer. “Não basta ter o melhor hospital, médico e remédios se a infraestrutura não permite o deslocamento, principalmente em doenças graves, com tratamentos agressivos e as sequelas, essa mobilidade ganha importância”.

A associação começou em 199 no próprio apartamento, mas foi somente em 2003 que Tatiana começou migrar para o atual endereço. Para arcar com o salário dos 11 funcionários que são registrados e recebera todos

A Associação Helena Piccard de Andrade Silva contou com a presença de Eliana. A apresentadora ajudou a popularizar o projeto.

os benefícios legais, além das peruas e das despesas básicas, a entidade busca o auxílio de patrocinadores e ainda doações de objetos pessoais para um bazar que funciona na própria sede.

Ana Crastequini é uma das colaboradoras que entrega pertences para contribuir com o bazar. Por sinal, o local é muito conhecido no bairro da sede. No dia em que estive presente havia fila para entrar e adquirir as peças. Os preços são acessíveis a todos. Elas se conheceram nas aulas de natação. Ana vai dar uma festa de aniversário para comemorar seus 50 anos, no convite pediu aos convidados que ao em vez de trazerem presentes, que fizessem doações para a AHPAS, “Sou uma grande admiradora da Tati. Resolvi converter os presentes em doação porque não estou precisando de nada e gosto de contribuir para um mundo melhor”, afirma Ana.

Duas vezes por mês, Tati promove uma reunião entre os funcionários, chamada de grupo Saudar, onde são lidos textos de apoio

que ajudam a como tratar os familiares e as crianças durante a assistência. Além disso, a AHPAS também promove encontros entre pais enlutados, para ajuda-los a se recuperar da perda. Durante todos esses pequenos eventos rotineiros, Tati que é doutorada em letras pela UNICAMP, sempre usa seu conhecimento para a discussão, “Nós somos seres de linguagem. Precisamos de palavras o tempo todo”, explica em uma reunião.

Muitas vezes, Tatiana prefere ir a pé a Rua Joaquim Nabuco para exercer seu papel de presidente da associação, cargo que pretende deixar até o final do ano que vem, quando seus grandes projetos terminarem como um livro especial para comemorar os 15 anos de AHPAS, publicar um romance e fazer uma coletânea de poemas que escreveu na época da faculdade. “Não paro um minuto, sou muito ativa. Só fico preocupada porque me sustento 100%”. Tati tem planos de se firmar como palestrante e com sua vivência pretende expandir “A arte de (re)contar a própria história”.

Mariana Guimarães

A alma nômade de uma jovem



“ Sempre soube que minha alma era nômade”, diz Lívia Alves. A mineira de Bom Despacho (cidade próximo a Belo Horizonte e com cerca de 40 mil habitantes) tomou uma decisão inusitada: aos 26 anos largou a vida – como ela mesma descreve – maçante em São Paulo para viajar os cinco continentes em busca de novas experiências, novas culturas e novas realidades. Jornalista formada pela Universidade de São Paulo (USP) em 2009, ela trabalhou como repórter e editora em jornais impressos, exerceu algumas funções em emissoras de rádio, e antes de viajar, trabalhava com jornalismo econômico em um grande banco do Brasil.

Lívia aproveita a oportunidade para falar sobre sua segunda faculdade: “Fiz cinco semestres de economia na USP, mas o cotidiano em jornal é correria demais! Não consegui terminar a faculdade, pois trabalhava mais de 10 horas por dia e chegava à faculdade sem nenhum pique”. Diferentemente do dia a dia profissional, a viajante esbanja energia quando o assunto é colocar a mochila nas costas e sair pelo mundo. Com jeito de moleca e alegria contagiante, Lívia começa a relembrar seus 13 meses na estrada e os mais de 40 países visitados: “Eu gostei de todos os lugares que conheci, sem exceções. Fiz amizades pelo mundo todo e vivi momentos incrivelmente marcantes”. A mineira deixa bem claro que seu diferencial foi sua rota, já que deixou de lado o tradicional mochilão e pegou carona rumo a países excêntricos, como: Camboja, Myanmar, Vietnã, Quênia, Albânia, entre outros. “Quem dá a volta ao mundo necessariamente vai se enfiar pelos lugares exóticos, já que eles são a maior parte do território mundial. O mochilão clássico, ou seja, pela Europa Ocidental e partes da América do Sul, cobre apenas uma pequena

“Eu gostei de todos os lugares que conheci, sem exceções. Fiz amizades pelo mundo todo e vivi momentos incrivelmente marcantes”.

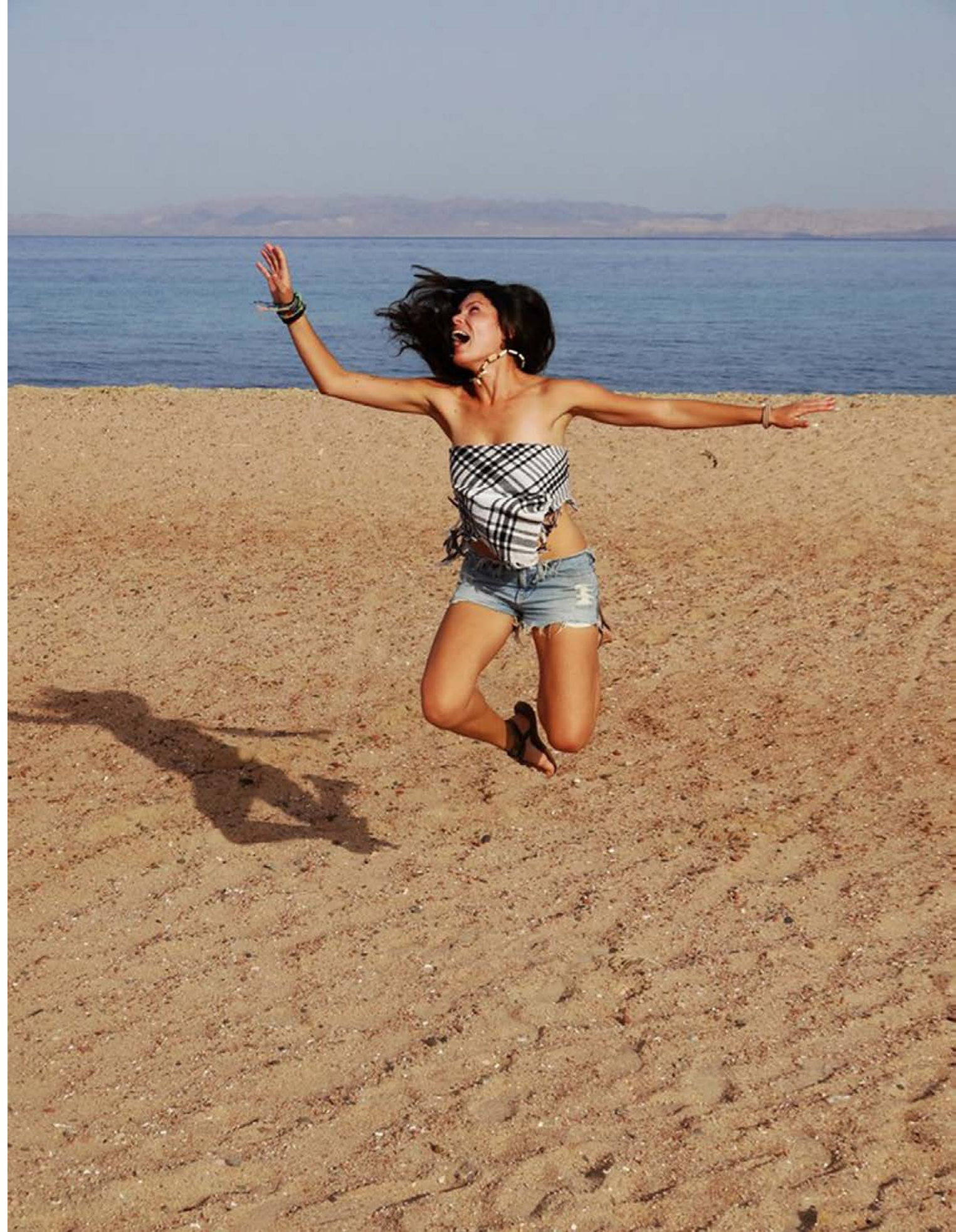
fração do mapa mundi”.

Entre lembranças nostálgicas, a jornalista diz que o país dos indianos foi chocante, sendo a cultura mais diferente que já teve contato: “Lá tudo é exótico, as comidas, as vestimentas, a higiene, o tratamento interpessoal, enfim... tudo!”. Encantada pelo Egito, ela revela que foi um de seus melhores destinos, com uma história milenar fantástica e paisagens de tirar o fôlego. Lívia também ressalta a viagem para Palestina: “eles vivem dentro de uma escandalosa prisão”.

A mais velha dentre 4 irmãos, Lívia vem de uma família simples de comerciantes e conta que nunca estudou em escola particular e nem fez cursinho. “Passar no vestibular foi um orgulho para todos e eu sabia que teria que sair de uma pequena cidade para vir morar na gigante São Paulo, mas quando me acostumei rapidamente à vida agitada da capital paulista, aí sim percebi que era uma pessoa facilmente adaptável, por mais diferente que fosse o ambiente”.

Como a maioria dos acontecimentos da vida, o tour –nem tão turístico assim- da mineira teve obstáculos. A jovem – que viajou sem qualquer tipo de convênio médico - teve problemas de saúde, principalmente durante suas andanças pelas estradas da América Central (ela visitou El Salvador, Nicarágua, Panamá e Guatemala), além dos desafios de perder os ônibus e caminhar por estradas mundo afora e os roubos sofridos (Lívia não sabe ao certo, mas estima que tenha sido mais de 20 casos): “Todo país tem seus lugares mais perigosos, me arrisquei demais, mas não me arrependo”. Na questão da saúde, a mineira disse que era raro passar alguns dias sem algum probleminha, como os cortes nos pés, arranhado nas pernas, dor de ouvido, dor de barriga, queimado do sol, feridas ou simplesmente a crônica dor na lombar, a qual a mineira reclamou durante a entrevista também.

Em um dos raros momentos em que não está sorrindo, a viajante relembra sua viagem à África: “Fiquei triste quando vi uma realidade semelhante àquela vista no Brasil: crianças passando fome, violência extrema, escassez de água e falta de saneamento básico”. Por um instante achei que Lívia fosse chorar relatando a sociedade machista e cruel que presenciou, já que grande parte as mulheres quenianas têm seus clitoris





cortados, além de inúmeros casamentos entre meninas de sete anos de idades com seus avôs. Nesta mesma linha, a viajante relata uma conversa durante o voo para Arábia Saudita com um senhor local que estava acompanhado de uma jovem queniana com vestes muçulmanas. “Isso (ele usou “this” não “her”) está comigo, ela é doméstica”.

Outro fator que chamou a atenção da jovem de Bom Despacho foram as mulheres “pescoço de girafa” – atrações turísticas na Tailândia. Por trás dos tímidos sorrisos das senhoras, que usam um colar (peça única com várias argolas que cria impressão de pescoços alongados), esconde-se a realidade: elas são refugiadas de Myanmar e “prisoneiras” na Tailândia. “Fiquei com a impressão que era um zoológico humano e me coloquei num dilema ético (típico do jornalismo: divulgar as fotos, relatar e afins ou entender a dimensão deste problema)”. Pelo que parece, Lívia optou pela segunda opção.

Após mais de um ano de viagem, pergunto-lhe sobre como era sua forma de sustento durante esse tempo e recebo uma resposta curiosa: “Minhas economias acabaram, mas eu resolvi continuar mesmo assim, porque para viajar a agente precisa mais de coragem do que de dinheiro não é?”. Dessa forma, a mineira economizava o que podia, a fim de conhecer o maior número de países possíveis, além de contar com a ajuda de muitos amigos que fez pelo caminho. “Fiz grandes amizades, ou melhor, construí elos com pessoas de todos os lugares que passei”. Nesta parte, ela ressalta o tamanho da generosidade dos indivíduos espalhados pelo mundo.

Com pouco dinheiro no bolso, mas muita vontade de explorar, Lívia relatou que grande parte dos seus dias se resumiam em aproveitar os pontos turísticos durante a manhã, visitar lugares que – em sua opinião – eram interessantes e quando o sol se escondia, ela curtia a vida noturna de cada local, por mais distinta que fosse.

Ao ser questionada sobre paixões por estrangeiros, Lívia gargalha de forma gostosa e revela que teve alguns amores durante o período e que mantém o contato com alguns deles via redes sociais, como é o caso do saudoso australiano Joshua, seu par romântico durante alguns dias e ainda presente na vida da viajante. Joshua, aliás, enviou uma mensagem de celular, a qual o conteúdo não foi revelado, pois de acordo com Lívia, “mesmo em inglês é constrangedor (risos)”.

Ainda com jornalismo na veia, a mineira administra seu próprio blog, onde narra suas aventuras e perrengues. Durante os 13 meses de andanças, Lívia postou fotos e curiosidades na internet, conseguindo receber comentários e interagindo com seus leitores. “Decidi criar o blog para ser literalmente um diário. Um bom jornalista – você deve me entender (risos) – adora escrever, exercitar a mente. Viajei muitas vezes sozinha (eu e minha mochila), então contar para algumas pessoas me fazia bem, era, e ainda é, uma forma de desabafo”.

Sem dúvidas que vivenciar tantas culturas distintas traz inúmeros aprendizados para a vida. Lívia não consegue definir de fato sua maior lição, mas ressalta o autoconhecimento, a visão mais aberta para o mundo e o caminhar firme, independente de obstáculos. E após curiosas, divertidas e emocionantes narrativas, chego a conclusão que nem a pirâmide de Giza (Egito), nem as entranhas do Taj Mahal (Índia) ou os labirintos de Petra são suficientes para acomodar os tesouros da viajante: suas histórias.



NOS TEMPOS DA 1/2 MEIA SOQUETE

Por Heloísa Aun & Alessandra Petraglia

Quando toca o telefone, em um domingo pela tarde, Dona Teresa afirma com muita convicção e certa desconfiança: “Não vou atender porque é gente cobrando. Se atendo, falo que sou a empregada e a patroa não está” É assim, com alegria e senso de humor, que a senhora de 93 anos de idade relata seu dia a dia e os acontecimentos que marcaram sua trajetória de vida. Nascida em São Paulo, no dia 2 de maio de 1921, filha de mãe e pai italianos, ela mostra como chegou à sua 9ª década com uma vitalidade surpreendente.

A conversa fluiu na copa de seu apartamento, na Rua Capital Federal, no bairro da Pompeia, entre a cozinha com um antigo fogão azul claro da marca Wallig e seus móveis e objetos marcados por lembranças de uma vida repleta de histórias. O ambiente em que vive, com pouca luminosidade, é detalhadamente organizado e parece ter parado

no tempo, as preservando uma decoração simples e as características de décadas atrás, com os muitos porta-retratos, livros de capa dura na estante de canto e as cadeiras em carnaúba com assento de palha transada.

Dona Teresa mora sozinha, faz todas as tarefas domésticas e nunca quis ter enfermeira ou qualquer outra ajuda, pois não gosta de estranhos dentro de casa. De vez em quando, se junta à companhia de sua única irmã ainda viva e seus muitos sobrinhos para os almoços de domingo. Sobre morar com outras pessoas, ela afirma com bastante certeza: “A gente pode até conviver bem com alguém no início da vida, mas depois de casada nós assumimos nossos próprios costumes e se juntar novamente não dá certo. Cada um tem que ter a sua casa”.

Quando seu marido faleceu, ela começou a ser voluntária em uma ONG, a qual distribui

enxovais para mães de baixa renda, trabalho que participa há 25 anos ao lado de outras senhoras. Muito disposta e independente, ela anda pelas ladeiras e ruas inclinadas do bairro, fazendo exercícios físicos e trabalhando em outros projetos voluntários. “O segredo da vida está na felicidade”, comenta. É assim que preencheo tempo de seu cotidiano, levando um pouco do que sabe aos outros e se relacionando com pessoas de várias idades.

Com uma energia impressionante, ela fala sobre as dores no joelho, sofridas pelos males da idade, mas com otimismo e um singelo sorriso no rosto: “Quando estiver melhor pretendo fazer pilates”. Essa força de vontade é resultado de uma vida repleta de atividades físicas. Desde pequena sempre gostou de praticar esportes: durante muitos anos fez equitação junto com as filhas dos generais na Força Pública, na Avenida Tiradentes. Já depois dos 80, começou a fazer ginástica localizada no Parque da Tupi, ao lado de homens e mulheres de todas as idades. Mas, seus mais de 90 anos não impedem que tenha mais energia do que muitos jovens. De acordo com Mariana Petraglia, amiga e companheira de ginástica: “Ela tem uma vitalidade incrível, é de dar inveja em muita gente. Além de muito disposta, também é inteligente e lúcida. Está sempre com um jornal para ler no tempo livre antes da aula e com muitas histórias para contar”.

Dona Teresa sempre morou na mesma região: entre a Vila Pompeia e Perdizes. Seus pais imigraram para o Brasil por causa das enchentes que com frequência conviviam na cidade italiana de Parma. Já eram mais velhos quando ela nasceu - em torno de 50 anos - o que influenciou muito em sua criação por causa do conservadorismo da época, características que carrega até os dias de hoje. Durante a troca de diálogos, ela deixa clara a sua opinião a respeito da imagem da mulher atual, principalmente em relação às roupas mais curtas e justas que, em sua juventude, não eram bem vistas, expressando o seu lado ainda tradicional de enxergar a realidade.

Conheceu seu marido, um garoto de Minas Gerais, quando tinha apenas 13 anos e logo começou a namorar escondida. Após nove anos de relacionamento, ele pediu permissão ao seu pai para se casar com ela. Foi com o único

namorado e marido que ela viveu 65 anos de sua vida, até o dia em que ele faleceu, há cerca de 20 anos. Por decisão do casal, eles não tiveram filhos e isso os levou a viver uma bela relação juntos, repleta de viagens e muita união.

Pouco tempo depois de ter assinado o matrimônio, ela resolveu tirar sua habilitação. Entre sorrisos e mostrando o documento com muito orgulho, diz: “Sabe, eu fui a mulher número 302 a tirar a carteira de motorista em São Paulo”. Seu marido, que não sabia dirigir, trabalhava fazendo fardamentos para o exército e ela o ajudava com as entregas das encomendas, dirigindo seu carro pela cidade durante muitas noites. Dona Teresa, assim como muitas mulheres de sua época, também mantinha o costume de cuidar da casa, fazer bordados, tricô e costura, dotes que aprendeu com sua mãe e que até hoje utiliza, como fazendo centros de mesa e toalhinhas de bandeja para sua casa.

Com uma memória espetacular, ela recorda detalhes sobre as características da Vila Pompeia em que cresceu e, principalmente, das diferenças que existem após tantas décadas. Durante sua infância, o bairro era predominantemente uma chácara e o pão e o leite eram deixados pelo padeiro na porta das casas todas as manhãs. “O leite era retirado do animal na hora de entregar para os clientes”, lembra. Entre as subidas e descidas do bairro, Teresa conta, com nostalgia, sobre as relações afetivas que eram estabelecidas entre as pessoas, moradores e comerciantes.

Sua infância foi marcada por uma forte convivência com os livros, com destaque para romances adocicados da coleção Darli, poemas escritos e guardados por ela até hoje, além da influência da política em seu cotidiano. Seu pai, envolvido em partidos, ensinou os filhos sobre tais assuntos desde muito cedo, dizendo que logo que completassem 21 anos deveriam votar nas eleições.

Desde pequena ela conviveu com pessoas cultas e politizadas, como os próprios pais e os amigos da família, o que instigou ainda mais seu interesse. Por causa disso, sempre foi, e ainda é atualmente muito engajada. Exerceu seus direitos de cidadania dos 21 aos 90 anos, ficando sem votar somente no período da ditadura militar. Cheia de opiniões, expressa facilmente

seus pensamentos a respeito da corrupção e dos movimentos populares que tomaram o país no ano passado. “Ela tem muito a nos ensinar porque vivenciou fatos históricos que nem nos livros encontramos”, comenta Mariana.

Amante das artes, Teresa conta sempre com muita empolgação sobre como costumava ir ao cinema e às matinês que ocorriam no vão livre do MASP, antes chamado somente de Trianon. Essas matinês reuniam pessoas que se divertiam ao som de orquestras, que “não eram qualquer uma”. Segundo ela, “Eram orquestras famosas e belíssimas”. Os cinemas eram atrativos que fizeram parte de sua vida, dos seus planos de diversão e de namoro. Os locais eram muito chiques, as pessoas iam bem arrumadas e geralmente ocorriam apresentações de músicas antes do início dos filmes. Em relação às vestimentas usadas na época: “Naquele tempo, no qual as mulheres usavam meias soquete, nós nos vestíamos sempre elegantes, com saias e vestidos somente abaixo do joelho”.

Entre as muitas viagens que fez acompanhada de seu marido, ela recorda em especial da primeira vez em que foi aos EUA, em meados da década de 50: “Nós viajamos do Sul ao Norte”. O trajeto até o continente norte-americano levou três dias, “na volta tivemos que aterrissar no Panamá, pois o avião tinha quebrado”, recorda. Os aviões na época eram muito diferentes dos atuais, eram chiques e levavam em média de 35 a 40 pessoas. A Europa também representou um destino especial, pois foi onde teve a oportunidade de conhecer a cidade de sua família e alguns parentes.

O casal costumava ir ao teatro e ao cinema nos finais de semana. Dona Teresa sempre foi uma adoradora das artes: assistiu a peças com Maria Della Costa e o balé da França no Teatro Municipal, assim como a estreia da Bibi Ferreira no palco com apenas 16 anos. Ela afirma que os artistas antigamente eram melhores dos que os atuais e sente muita saudade dos espetáculos que com frequência contemplava. Na Av. Alfonso Bovero, no bairro da Pompéia, ela sempre encontrava artistas da TV Tupi: “A Hebe Camargo, vinha comprar salgadinhos aqui perto com frequência, era muito simpática”. Orquestras se apresentavam dentro dos estúdios da Tupi e Dona Teresa gostava de assistir aos grandes

“Naquele tempo, no qual as mulheres usavam meias soquete, nós nos vestíamos sempre elegantes, com saias e vestidos somente abaixo do joelho”.

nomes internacionais, como o francês Jorge Reis.

Entre suas muitas memórias, ela destaca os belíssimos desfiles de carnaval que aconteciam na Av. Paulista. “Era um lindo espetáculo, as fantasias eram muito bonitas, havia bandas de música e os moradores das mansões da Paulista desfilavam dentro de seus carros”, recorda. Na época, o local era ocupado pela mais alta sociedade paulistana, apenas barões do café moravam lá em suas grandiosas e belíssimas residências que, com o passar dos anos, foram substituídas por altos conjuntos comerciais. A inauguração do Museu de Arte de São Paulo é algo que ela se orgulha em lembrar. Foi um lindo evento que contou com a presença de grandes nomes, inclusive a rainha Elizabeth II, a qual Dona Teresa e muitos outros paulistas estavam lá perto observando e contemplando.

Seus vizinhos e amigos ficam muito impressionados com o vigor com que Teresa leva sua vida. “Uma pessoa com uma energia incrível, extremamente bonita, disposta e culta”, comenta sua vizinha Maria Antonieta. No entanto, todos também se mostram bastante preocupados com o fato de querer ficar sozinha. Marivaldo, porteiro do prédio onde ela mora, diz que todos estão sempre atentos “Pergunto todos os dias como ela está e às vezes quando não sai com muita frequência, batemos na porta para saber se está tudo bem”.

Uma frase dita por Dona Teresa ficou marcada e foi muito significativa, principalmente pelo fato de ela ter repetido ao menos três vezes: “A gente precisa ter história para contar quando envelhecer, pois é muito gostoso lembrar-se do que foi bom e bonito”. É a partir de sua história que ela vive de maneira tão leve o presente, compartilhando ensinamentos com os outros e alegrando o dia de quem convive com ela, a partir de sua personalidade ativa, humorada e bastante divertida.

Rádio
Gazeta
890KHz **am**

<http://www.gazetaam.com>

 @gazetaam

Alessandra Petraglia
Ana Clara Muner
André Dominguez
Arisa Baeza
Beatriz Albertoni
Beatriz Petrone
Bruna Hara
Caio Sini
Camilla Falarini
Christiany Yamada
Dâmaris Dellova
Davi Sant'Ana
Fernanda Figueiredo
Francielen Mariotto
Gabriel Monteiro
Giulia Ribeiro
Heloísa Aun
Ingrid Yurie
João André Fraga
Jordana Langella
José Maurício Besana
Júlia Müller
Juliana Mezzaroba
Juliana Milan

Juliana Saiani
Juliana Yamaoka
Karina Morais
Kelly Miyashiro
Laísa Dall'Agnol
Letícia Ghiggino
Lígia Neves
Lívia Albuquerque
Lorena Giron
Luanna Martins
Mariana Costa
Marina Criscuolo
Mathias Brotero
Natália Antunes
Natália Petroni
Nathália Gorga
Nicolle Guimarães
Olga Bagatini
Paula Forster
Sarah Resende
Talyta Vespa
Tamires Rodrigues
Teresa Espallargas
Victor LaRegina

